O Desafio dos Profissionais de Educação nos dias de hoje

As Implicações das Mudanças Familiares

Joana Maria Bandeira de Melo Barreiros Cardoso

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino

Maio 2016

ISEC Instituto Superior de Educação e Ciências

Instituto Superior de Educação e Ciências

Provas para obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico

O DESAFIO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO NOS DIAS DE HOJE

As Implicações das Mudanças Familiares

Autora: Joana Maria Bandeira de Melo Barreiros Cardoso

Orientadora: Doutora Susana Costa Ramalho

Maio de 2016

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à professora Susana Costa Ramalho por toda a sua ajuda e disponibilidade durante este percurso de trabalho.

À Filipa pelo seu exemplo, companhia e apoio ao longo destes últimos anos.

Agradeço a todos os participantes no processo de investigação pela sua disponibilidade e partilha.

À Lídia pelo seu exemplo de profissionalismo, de dedicação à vocação e amizade.

À minha família que sempre me apoiou a seguir a minha vocação.

A Nossa Senhora por me iluminar diariamente em todos os desafios.

RESUMO

O presente estudo qualitativo aborda o desenvolvimento da prática educativa face às questões familiares que ocorrem na sociedade atual, tendo como objetivo principal compreender de que forma a as questões familiares desafiam a prática educativa. Desta forma, a investigação apresentada foi realizada através de uma recolha documental e de testemunhos reais, que partilharam as suas perceções acerca das questões familiares atuais e da sua influência na prática dos profissionais de educação.

No estudo é apresentado uma breve análise sobre o conceito de família e a evolução desta ao longo dos anos, e ainda uma reflexão pormenorizada sobre os dados recolhidos através das entrevistas, onde participaram pais, profissionais de educação e ainda um profissional de coaching parental.

A investigação desenvolvida tentou compreender de que forma as mudanças familiares implicam a sociedade e, assim, a prática educativa, identificando, segundo as perceções dos participantes, quais os maiores desafios da prática educativa atual.

É possível mencionar que todos participantes do estudo consideram e defendem que a família tem um papel significativo no desenvolvimento da sociedade e, com isso, na prática educativa, tornando-se imperioso que as instituições e os profissionais de educação se esforcem por desenvolver um trabalho permanente de adaptação perante a realidade atual.

Palavras-chave: Sociedade, Família, Prática Educativa

ABSTRACT

This qualitative study approaches the educational practice's development in relation to family themes matters that occur in today's society, its main goal is to understand in what way can family affairs defy the educational practice. Therefore, this investigation was made from a documentary collection and from real life testimonies, where the interviewed shared their perceptions about family matters and its influence towards educational pratices and their professionals.

This study presents an analysis about family concept and its evolution throughtout the years. It is a detailed reflection on the collected interview data where parents, education professionals and a professional parental coach participated.

The goal of the developed investigation is to understand in which way can family changes influence society and therefore the educational practice identifying according to the participants perception the biggest challenges of today's educational practice.

It is possible to mention that all the study's participants consider and defend that family has a significant role in the society's development and with it in educational practice. This makes it crucial for institutions and their educational professionals to make an effort to develop a permanent work of adaptation to today's reality.

Keywords: Society, Family, Educational Practice

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS i

RESUMO iii

ABSTRACT v

INTRODUÇÃO vii

CAPÍTULO 1 - QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO

1.1. Caracterização dos Modelos Familiares 19

1.1.1. Breve Evolução Histórica da Família 19

1.1.2. Atualidade 20

1.2. Papel Educativo da Família 22

1.3. Mudanças Atuais na Cultura Familiar 25

1.3.1. Individualismo Moderno 27

1.3.2. O Mercado 28

1.3.3. Sexualidade 28

1.3.4. A Mulher no Mercado de Trabalho 29

1.3.5. Divórcios 30

1.4. Os Efeitos das Mudanças no Papel Educativo da Família 31

1.5. Desafios da Prática Educativa 32

CAPÍTULO 2 - PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA

2.1. Problemática do Estudo 37

2.2. Paradigma Qualitativo 38

2.3. Entrevista 39

2.3.1. Elaboração do Guião das Entrevistas 40

2.4. Participantes 40

2.4.1. Entrevistada I 41

2.4.2. Entrevistada II 41

2.4.3. Entrevista III 41

2.4.4. Entrevistada IV 41
2.4.5. Entrevistada V 42
2.4.6. Entrevistada VI 42
2.5. Recolha de Dados 42
2.5.1. Entrevistas 43
2.5.2. Conversas Informais 43
2.5.3. Recolha Documental 43
2.6. Tratamento e Analise de Dados 44
2.6.1. Realização das Entrevistas 44
2.6.2. Transcrição das Entrevistas 44
2.6.3. Análise de Conteúdos das Entrevistas 45

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

3.1. Referências às Categorias e Subcategorias de Análise de Conteúdo 47
3.2. Papel da Família no Desenvolvimento da Criança e na Sociedade 52
3.3. Considerações dos Entrevistados sobre as Mudanças Familiares 53
3.4. Desafios da Família Actuais 54
3.5. Considerações dos Entrevistados Sobre a Prática Educativa 54

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Síntese das Questões de Investigação 57
Investigações Futuras e Reformulações do Tema Abordado 58
Contribuições para o Desenvolvimento Pessoal e Social 59

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 61
ANEXOS 65
ANEXO 1 – GUIÃO DA ENTREVISTA COMUM 67
ANEXO 2 – GUIÃO ENTREVISTA EDUCADORES DE INFÂNCIA 73
ANEXO 3 – GUIÃO ENTREVISTA PROFESSOR PRIMÁRIO 79
ANEXO 4 – GUIÃO ENTREVISTA PAIS 83

ANEXO 5 – GUIÃO ENTREVISTA S.B 91
ANEXO 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA I 97
ANEXO 7 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA II 107
ANEXO 8 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA III 115
ANEXO 9 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA IV 123
ANEXO 10 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA V 135
ANEXO 11 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA VI 143
ANEXO 12 – ANÁLISE DE CONTEÚDO 153

INTRODUÇÃO

A família, como grupo onde a criança cresce e se desenvolve, está no centro de toda a prática educativa. Desta forma, a escola e a família devem completar-se e conhecer-se reciprocamente. As instituições devem conhecer o contexto familiar de cada criança, para que possam realizar um trabalho enriquecedor e completo junto desta.

O presente estudo apresenta uma reflexão teórica e prática sobre as implicações das questões familiares presentes na nossa sociedade na prática educativa das instituições escolares e dos profissionais de educação, nomeadamente educadores de infância e professores primários.

A investigação surgiu de um interesse pessoal sobre as questões familiares a que assistimos hoje em dia, numa corrente de preocupação relativa à prática profissional de educação, da forma como as escolas e os profissionais deverão lidar com tais questões, tendo sempre em vista o bem-estar das crianças.

O Papa Francisco (2016) demonstra também uma preocupação relativa a este tema, afirmando que "nem a sociedade em que vivemos nem aquela para onde caminhamos permitem a sobrevivência indiscriminada de formas e modelos do passado" (p.26). O ritmo a que a sociedade muda exige que assim que todos os adultos da família, bem como todos os profissionais que lidam com as famílias, adotem uma postura de reflexão constante, em busca de um equilíbrio entre as exigências e desafios do presente com os modelos estruturados e exemplos do passado.

Ainda Francisco (2016) considera que "a tarefa educativa deve levar a sentir o mundo e a sociedade como "ambiente familiar": é uma educação para saber "habitar" mais além dos limites da própria casa" (p.216). Nesta perspetiva, e uma vez que a família não se desenvolve em torno de si mesma, tendo uma ação exterior, torna-se imperioso nos dias de hoje refletir e analisar quais as novas exigências e desafios da prática educativa tanto das próprias famílias como das instituições escolares e dos seus profissionais. A realidade familiar deve preparar as crianças para o mundo social e por isso é importante que esta esteja em sintonia com a sociedade e desperta para a educação de valores necessária para uma convívio social pleno e positivo.

Para a realização do estudo, consideramos importante responder a duas questões fulcrais como: Quais os desafios atuais da família? Quais os desafios da prática educativa? De forma a dar resposta a tais questões foram realizadas seis entrevistas, com a finalidade de interpretar e refletir sobre as considerações dos participantes so-

bre o tema abordado. O estudo decorre através de uma investigação qualitativa, que pretende interpretar os dados das entrevistas de forma a compreender como estas mudanças familiares implicam e desafiam a prática educativa, tendo por base as considerações ouvidas e registadas.

Este trabalho apresentado está dividido em três capítulos, estruturados da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta o Quadro de Referência Teórico, sustentado pelas abordagens de diferentes autores relativamente ao tema, o segundo capítulo, denominado Problematização e Metodologia, trata a problemática do estudo, o paradigma, as entrevistas, os participantes e os métodos de recolha, tratamento e análise dos dados e, por último, o terceiro capítulo apresenta os resultados do estudo, fazendo referencia aos conceitos analisados no quadro de referência teórico. São ainda apresentadas as considerações finais, onde foi desenvolvido um breve resumo dos dados mais importantes do estudo e ainda uma reflexão acerca do estudo realizado e possíveis sugestões.

CAPITULO 1 – QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO

Este capítulo seguidamente apresentado encontra-se organizado em cinco partes, nomeadamente: 1.1 Caracterização do Modelos Familiares, 1.2 Papel Educativo da Família, 1.3 Mudanças na Cultura Familiar, 1.4 Os Efeitos das Mudanças no Papel Educativo da Família e 1.5 Desafios da Prática Pedagógica. Desta forma, pretende-se interpretar as considerações de diferentes autores sobre o tema das mudanças familiares, visando os objetivos específicos deste trabalho, analisando os conceitos principais do tema em questão.

1.1 Caracterização dos Modelos Familiares

As sociedades alteram-se ao longo dos anos, e, com elas, as famílias. Estas mudanças dão-se por uma série de fatores, quer sociais, económicos, políticos, demográficos e culturais. A realidade familiar não é universal, não é transversal às diversas culturas, e sofre, em todas as sociedades, alterações face aos períodos vividos.

É difícil por isso, chegar a um consenso sobre um sentido único de família. "A dificuldade em encontrar uma definição não ambígua de família reside em parte na relação que as famílias, em cada momento histórico e em cada sociedade concreta, estabelecem com a sociedade global" (Gonçalves, 2012, p. 173).

Meira e Centa (2003) defendem que as famílias são o grande agente socializador, sendo o grupo social responsável pelo desenvolvimento do ser humano, desde o seu nascimento até à sua fase adulta, que o influenciará por toda a vida.

1.1.1. Breve Evolução Histórica da Família

Para uma análise mais profunda, devemos então refletir um pouco sobre a evolução histórica da família ao longo dos anos. Partindo da família conjugal monogâmica, Meira e Centa (2003) identificam alguns estilos familiares. São estes:

A família patriarcal, do período colonial, tinha os papéis, quer dos filhos, como dos pais, muito bem definidos e inquestionáveis, sendo que o trabalho de cada um, dentro das propriedades da família "deram ao homem uma posição mais importante do que a da mulher" (p.216)

Seguindo-se as famílias pré-modernas, do final do séc. XIX, onde a educação das crianças instituiu uma relação familiar mais próxima entre pais e filhos. Esta relação acabou por distanciar a família da sociedade, tornando-se "num espaço privado, devido à necessidade de intimidade e de identidade dos seus membros" (p.217). Também Giddens (2007) define estas como "um grupo ligado por fortes laços emocionais, com um nível alto de privacidade doméstica, e preocupada com a criação dos filhos" (p.469).

Com a evolução dos tempos, assistiu-se então à evolução do papel da criança no contexto familiar. O autor, defende que a família se centrou cada vez mais em torno da criança, originando as "famílias modernas" (p.218). Nestas, a criança, a sua infância e desenvolvimento, assumem um papel prioritário na família. Estas famílias, durante o desenvolvimento da industrialização, passaram a ser denominadas por famílias nucleares, caracterizadas pelo casal e seus filhos, frutos de uma união de amor. Segundo Meira e Centa (2003), nas famílias nucleares, o pai tinha o papel de provedor, como principal fonte monetária, e a mãe o papel de cuidar e zelar pelo bem-estar do convívio social entre os membros da família, bem como gerir todo o trabalho doméstico.

Por último, os autores identificam as famílias do séc. XX, a partir dos anos 60 e 70, como famílias pós-modernas. Nestas, não existe nenhum modelo dominante acerca das práticas, e a divisão sexual das funções, o detentor da autoridade e as questões dos direitos e deveres familiares são então negociados entre os vários membros da família.

O que nos leva então até à família na sua situação atual. Esta, segundo Meira e Centa (2003), organiza-se em torno da criança, à responsabilidade dos seus pais, unidos por um sentimento de amor. É, a partir da qualidade dos relacionamentos familiares, que a família proporciona à criança condições de vida favoráveis ao seu desenvolvimento integral.

> A família, nas diversas modalidades que assumiu na história, caracteriza-se pelo modo específico de viver a diferença de gênero que, nesse âmbito, implica, via de regra, a sexualidade e a procriação e, portanto, as relações entre as gerações e o parentesco (Petrini, 2005, p. 29)

1.1.2 Atualidade

Kamers (2006) defende que já não é possível, pensar nas funções familiares com "papéis" estritamente definidos na sociedade atual. Aos poucos, torna-se difícil de identificar um modelo familiar único na nossa sociedade, uma vez que assistimos a tempos de grandes mudanças, derivadas de diversas perspetivas e opiniões, onde se perde, cada vez mais, o significado de famílias "estruturadas e desestruturadas" (p.114).

Chaves (2015) refere que a família na atualidade está mais ampla, tentando agregar as diversas relações entre os membros. A autora afirma que existem hoje famílias tradicionais, seguindo o modelo patriarcal, casais que dividem as responsabilidades dos filhos e da casa de igual forma, monoparentalidade, famílias reconstruídas, casais sem filhos e casais homossexuais, entre outras.

> Actualmente, a família encontra-se uma situação onde, normalmente, a antiga tradição, orientação e estrutura não desaparecem de todo, mas onde também as novas dinâmicas não estão totalmente presentes, claras e efectivamente influentes. Continua uma situação flutuante na influência entre mudança social e familiar. (Dias, 2000, p. 98)

Pedroso e Branco (2008) defendem que o modelo da família nuclear ainda prevalece, mas que este já não é, para muitas pessoas, um modelo de referência. Dias (2011) identifica, atualmente, diferentes tipos de família: a família nuclear, "constituída por dois adultos de sexo diferente e os respectivos filhos biológicos ou adotados" (p.143); as uniões de facto, que a autora considera "uma realidade semelhante ao casamento, no entanto não implica a existência de qualquer contrato escrito" (p.143); as uniões livres, onde, segundo a autora, não são muito diferentes das uniões de facto, mas nestas, "nunca está presente a ideia de formar família com contratos" (p.143); as famílias recompostas, que são "constituídas por laços conjugais após divórcio ou separações" (p.143); as famílias monoparentais, "compostas pela mãe ou pelo pai e os filhos (…) fruto de divórcio, viuvez ou pela própria opção dos progenitores, mães solteiras, adoção por parte das mulheres ou dos homens sós (…)" (p.143); e, por último, as famílias homossexuais "constituídas por duas pessoas do mesmo sexo com ou sem filhos" (p.143).

> Estamos, assim, hoje perante novos cenários familiares, flexíveis e fluidos, onde se verifica o aumento das uniões de facto; o aumento do numero de crianças

> nascidas fora do casamento; o aumento das famílias monoparentais; o aumento das famílias recompostas; o aumento das famílias transnacionais; e o aumento das famílias unipessoais. Estes cenários são ocasionados pelos seguintes (principais) factores: a diminuição da taxa de nupcialidade; o aumento da instabilidade conjugal (que resulta em separação e divorcio); a redução da natalidade; os processos migratórios e a globalização. Ou seja, estamos perante o enfraquecimento da união matrimonial e da família enquanto instituição (Pocar e Ronfani, 2008: 126ss.). Mas, mais do que falar em crise da família, deve falar-se em crise de um certo modelo de família, isto e, a família estável e harmoniosa, afectiva e fecunda, governada por regras rígidas de divisão do trabalho e assente numa hierarquia entre homem e mulher, pais e filhos. (Pedroso & Branco, 2008, p. 55)

Dias (2000) considera que a sociedade moderna se orienta muito para a satisfação das necessidades mais profundas do individuo, aumentando o numero de "matrimónios de facto" (p.96). Isto é, a convivência dos indivíduos sem qualquer contrato matrimonial, numa convivência "sem estabilidade, flutuante" (p.96).

Podemos então referir que se deu um grande impacto na vida familiar com a entrada da mulher no mundo do trabalho, onde a mulher ganhou uma nova autonomia, e onde os deveres e práticas familiares são divididos entre o casal. Além deste fator que se vem acentuando nos dias de hoje, assistimos também uma grande crise a nível dos relacionamentos conjugais, que são essenciais para manter firme o contexto familiar, onde a criança se deveria sentir segura para se desenvolver em plenitude.

> Nesse sentido, apesar das diversas transformações que sofreu, a família, como estrutura, é um fenômeno universal presente em todos os tipos de sociedade; é sobre ela que repousa a ordem social, na medida em que pressupõe um "não anonimato" na relação entre pais e filhos, na transmissão dos interditos necessários à cultura para que uma família não se encerre em si mesma. (Kamers, 2006, p. 116)

1.2 Papel Educativo da Família

> Dentre os animais existentes e conhecidos sobre a face da Terra, o homem é o mais dependente ao nascer. (…) ao entrar no mundo, o homem se introduz em uma organização social nutrida pelas mais variadas necessidades e simbolismos, o que o coloca em contínua e indefinida dependência do outro. (Boarini, 2003, p. 1).

Seguindo o sentido apresentado, Kamers (2006) defende que a família cumpre a função fundamental de inscrição da criança no universo simbólico, através das funções parentais. Como referido no ponto teórico anterior, assistimos hoje, a mudanças sociais que transformam as relações de aliança, necessárias ao funcionamento da família e, com isso, o seu papel junto da criança. "As funções parentais, ao consistirem em funções simbólicas e inscritas na cultura, implicam necessariamente a presença de um outro de "carne e osso" que possa encarná-las" (Kamers, 2006, p. 118).

O autor defende que a transmissão de cultura, a educação e a introdução da criança na sociedade, exige, de certa forma, "uma ordenação simbólica que delimita lugares, de modo que a categoria dos pais defina diretamente a categoria de filho" (p.118).

> Na convivência com o pai e a mãe a criança aprende como se deve comportar, o que lhe é permitido e proibido, bem como os papéis sociais que cabem aos diferentes elementos que constituem a família. Não sendo única a família é, na nossa sociedade, a primeira e mais forte instituição com caracter de socialização, em que a aprendizagem se realiza através da própria experiência da vida familiar. (Amaro, 2006 cit. por Dias, 2011, p. 145)

Minuchin (1990, cit. por Pitombom, 2006) considera que a família opera por meio de padrões transacionais, existentes nos relacionamentos entre os membros, reforçando e regulando o sistema familiar. Estes padrões apresentados pelo autor, podem ser desenvolvidos como sistema genérico, "composto de regras universais como a hierarquia de poder entre pais e filhos e a complementariedade entre marido e mulher" (p.7) ou como idiossincrático, referindo-se "às expectativas mútuas entre os membros específicos de uma família (…) originadas em anos de negociações explícitas e implícitas em torno de eventos cotidianos (…)" (p.7).

Também Brito, Miranda e Hannum (2013) defendem que as relações familiares, através das funções parentais, são responsáveis pelo desenvolvimento da subjetividade e da inscrição da criança no universo simbólico. "É no seio da família que a criança faz a sua primeira aprendizagem da sociedade, e essa aprendizagem marcará toda a sua existência" (Paul-Henri & Lauwe, 1950, p. 481).

Dias (2011) considera que a família deve cumprir dois objetivos: um interno, de "proteção psicossocial dos seus membros" (p.148) e outro externo, de "acomodação de uma cultura e transmissão dessa mesma cultura" (p.148). É esperado que o processo de socialização do indivíduo ocorra no contexto familiar, através de práticas

educativas que permitam transmitir hábitos, valores, crenças e conhecimentos que irão possibilitar a inserção da criança na sociedade (Brito et al., 2013).

A infância, que está estreitamente ligada à família, emerge como realidade social, realidade essa que também produz, em certa medida, a própria sociedade. "A família é o espaço de inclusão e acolhimento da criança, no qual ela deve receber amor, afeto, proteção e segurança, cabendo a família a sua socialização." (Meira & Centa, 2003, p. 221). Num percurso onde "os indivíduos apreendem, elaboram e assumem normas e valores da sociedade em que vivem, mediante da interação com o seu meio mais próximo e, em especial, a sua família de origem." (Pinto & Sarmento, 1997)

No que diz respeito ao desenvolvimento como individuo, Brito et al. (2013), afirmam que é, através da relação emocional familiar, que este apreende o seu modo específico de sentir, ver e pensar o mundo que o rodeia. É no contexto familiar, que a criança apreende o modo humano de existir, onde experiencia emoções como satisfação, frustação, amor e ódio, criando um significado para o seu mundo, construindo-se como sujeito (Brito et al., 2013). Tal "acontece pela troca intersubjetiva, construída por meio de laços afetivos, e compõe o principal referencial para a constituição da identidade do indivíduo" (Szymanski, 2004 cit. por Brito et al, 2013, p.404).

Bowlby (1988, cit. por Chaves, 2015) defende ainda que é na família que a criança estabelece os primeiros vínculos afetivos, através dos quais irá desenvolver a sua estrutura psíquica. A criança precisa sempre de alguém, "mais forte e mais sábio" (Chaves, 2015, p. 29) que cuide dela, com afeto, criando uma base de segurança para que a criança se sinta segura durante todo o seu desenvolvimento. "(…) todo o ser humano possui a necessidade de apego, que é a necessidade de firmar vínculos afetivos estreitos e contínuos" (Chaves, 2015, p. 29).

As relações parentais influenciam, segundo Padilha (2004, cit. por Chaves, 2015) e Bowen (1979, cit. por Chaves 2015), todo o processo de estruturação da personalidade da criança, sendo também o modelo de relacionamento que esta irá adotar para as suas relações futuras, "para um desenvolvimento harmónico da sua personalidade, a criança tem necessidade dum clima afetivo particular, que só a familia lhe pode proporcionar" (Paul-Henri & Lauwe, 1950, p. 482).

Como complemento, Bowen (1979, cit. por Chaves, 2015) considera importante que a criança mantenha contato próximo com a família extensa. Para o autor, esta relação "é um dos mecanismos mais eficazes para diminuir o nível de ansiedade da família" (p.23) sendo que as famílias que têm pouco contato com a família de origem, não estabelecem uma rede de apoio familiar extenso. Também Araújo (s.d.) defende que a presença da família extensa na vida da criança facilita a transmissão de certos valores, como a solidariedade, a partilha e o respeito.

A família é compreendida por Lacan (1985, citado por Kamers, 2006) como uma instituição social de estrutura complexa, que não pode ser reduzida nem a um fato biológico e nem a um elemento teórico da sociedade, mas a uma instituição social privilegiada na transmissão da cultura. A família assume assim, no passado, presente e futuro, "a matriz simbólica fundamental à constituição do sujeito, já que é a partir dela que serão transmitidos os interditos necessários à cultura" (Kamers, 2006, p. 115).

> A família é o elemento mais firme, mais seguro e mais estruturante da personalidade dos seus membros. É o local privilegiado para a formação do carácter dos filhos, sendo que os adultos desempenham um papel decisivo no pleno desenvolvimento das capacidades, atitudes e valores que sustentam as competências do sistema como um todo. (Dias, 2011, p. 154)

1.3 Mudanças Atuais na Cultura Familiar

> A concepção estática da família, considerada como um refúgio, uma garantia de estabilidade ou de ordem social, está hoje ultrapassada. Num mundo em rápida transformação, a família nada perdeu da sua importância, do seu vigor, da sua vitalidade, mas atravessa uma fase de completa transformação. (Paul-Henri & Lauwe, 1950, p. 475)

Gaivão (2002) considera que a família, como têm vindo a ser conhecida, sob forma de estrutura social, está a ser atualmente "questionada sob diversos os pontos de vista e em todos os seus numerosos e complexos aspetos" (p. 9). Segundo Paul-Henri e Lauwe (1950) a família conjugal foi, durante muito tempo, considerada a "peça-chave da estrutura global da sociedade" (p.477) garantindo, de certa forma, uma ordem e autoridade na sociedade.

> A família participa dos dinamismos próprios das relações sociais e sofre as influências do contexto político, econômico e cultural no qual está imersa. A perda de validade de valores e modelos da tradição e a incerteza a respeito das novas propostas que se apresentam, desafiam a família a conviver com certa fluidez e abrem um leque de possibilidades que valorizam a criatividade numa dinâmica do

> tipo tentativa de acerto e erro. (Petrini, 2005, p. 28)

Dias (2011) considera que os fatores económicos, políticos, sociais, culturais, demográficos e tecnológicos tiveram um papel decisivo nas mudanças ocorridas ao longo dos tempos na estrutura e dinâmica familiar, influenciando a organização interna da família.

Tal como Petrini (2005) assegura, assistimos hoje a uma crise de valores, "valores das tradições religiosas, (…) disciplina, rigor, sacrifício, fidelidade aos compromissos assumidos" (p.24). Brito et al. (2013) afirmam mesmo que "a família vive um momento de mudanças e falta de referenciais" (p.404).

> A família sempre foi o lugar do encontro entre diferentes gerações, a história é constituída por uma sequência de gerações, ora prevalecendo a cooperação, ora o conflito. Nas últimas décadas, as novas gerações divergem da geração dos adultos e dos avós, quanto às metas que merecem ser perseguidas, aos valores que devem ser respeitados e aos critérios para discernir o que vale ou o que deve ser descartado. (Petrini, 2005, pp. 30-31)

Ainda assim, a sua função socializadora parece estar bem segura, havendo uma coerência e defesa da mesma entre os autores analisados. Giddens (2007) considera que a família continua a ser "a pricipal agência de socialização, desde a infância à adolescência e para além desta" (p.99) afirmando que a importância da família no proceso de socialização "é obvia, já que a experiência da criança é mais ou menos modelada exclusivamente dentre dessa família" (p.100).

"A industrialização e o desenvolvimento da vida urbana, nos séculos XIX e XX, modificaram ao mesmo tempo a economia, os grupos locais e os sistemas de parentesco." (Paul-Henri & Lauwe, 1950, p. 478). Brito et al. (2013) complementam esta ideia, considerando que as famílias pos-industriais estão sem ordem paterna, sem lei simbólica, desviadas da sua função como célula da base da sociedade. Os autores, referem que as práticas de educação que são agora utilizadas com as gerações mais novas, sofreram grandes alterações ao longo do séc. XX e que os valores tradicionais, assimilados durante a infância dos pais, estão em conflito com os valores modernos.

Assiste-se hoje a uma busca de novas formas de organização familiar, onde os pais se esforçam para serem para os seus filhos o que os seus pais não foram para eles.

Esforçam-se por ser mais próximos e amigos dos seus filhos, não impondo limites rígidos para que não haja conflitos de gerações (Brito et al., 2013).

São diversos os fatores que contribuem para a alteração da vida familiar na sociedade, bem como todos os relacionamentos entre casais e entre pais e filhos. Alguns já foram referidos, mas iremos focar-nos na análise dos mais significativos, pelo seu crescente papel na atualidade.

Dias (2011) considera que as principais mudanças a nível da estrutura, dinâmica e organização interna da família devem-se:

> à diminuição do número médio de filhos, diminuição da fecundidade, aumento do número de pessoas sós, diminuição das famílias numerosas, aumento do número de divórcios, aumento das uniões de facto e uniões livres, e, mais recentemente o aparecimento das famílias homossexuais (p.142).

Iremos analisar então cinco fatores determinantes na sociedade de hoje no desenvolvimento familiar. São estes:

1.3.1 Individualismo moderno

Assistimos hoje, como já referido, à perda de valores determinantes da nossa cultura e da nossa sociedade. Um dos problemas que se tem vindo a acentuar cada vez mais é o individualismo moderno. Este é definido por Petrini (2005) como um estilo de vida independente e autónomo, caracterizado por escolhas livres, que a longo prazo deu origem a um indivíduo instável, de convicções voláteis e compromissos fluidos, onde "a satisfação no presente colocou em questão o ideal do sacrifício individual para o bem da família" (p.29).

Ainda Vilhena (1998, cit. por Brito et al., 2013) assinala que o individualismo e o imediatismo, estão muito presentes na sociedade atual. Estes são responsáveis por uma afirmação cada vez menor, e uma destabilização do eu "cada vez menos senhor de si mesmo" (p.406) que "pode ser inferido das psicopatologias que são signos de um crescente sentimento de insuficiência e auto depreciação" (Passos, 2007 cit. por Brito et al., 2013)

Chaves (2015) afirma assim que este individualismo tem uma grande influência na cultura familiar, estando relacionado com a perda de interesse pelo casamento,

ou pela sua estabilidade, na medida em que tal implica "assumir compromissos, em criar raízes e em controlar impulsos, como os sexuais e financeiros" (p.19) e também, com o aumento de famílias menores. O Papa Francisco (2016) considera mesmo que o individualismo exagerado "desvirtua os laços familiares e acaba por considerar cada componente da família como uma ilha, fazendo prevalecer, em certos casos, ideia de um sujeito que se constrói segundo os seus próprios desejos assumidos com carácter absoluto" (p. 26)

1.3.2 O mercado

A evolução do mercado afetou também a forma de viver em sociedade, bem como toda a nossa cultura. Petrini (2005) considera que o maior poder do mercado é o de conseguir introduzir nas relações pessoais, os critérios, valores e os métodos que lhe são próprios, colonizando o mundo da vida.

Chaves (2015) afirma que na sociedade ocidental "a valorização do status social está ligada ao poder, à maior capacidade de produção e à maior aquisição financeira" (p.22), tendo consequências na esfera doméstica. A autora defende que esta, está cada vez mais desvalorizada, e que, com isso, muitas crianças nascem em famílias cujos membros se movem fora da esfera doméstica, procurando cada vez mais um crescimento profissional. É neste seguimento que Carter e McGoldrick (1995, em Chaves, 2015) afirmam que há, cada vez mais, uma desvalorização da função de criar os filhos. Os pais estão muito envolvidos nas suas profissões, acabando por desvalorizar a esfera doméstica e tudo o que esta implica.

1.3.3 Sexualidade

De entre os fatores já abordados anteriormente, é necessário também identificar e refletir acerca das mudanças que ocorrem a nível da convivência social, no que diz respeito à sexualidade.

Antigamente, o núcleo da família consistia numa aliança sólida de amor, sexualidade e fecundidade. Hoje, assiste-se a tempos, tal como Petrini (2005) refere, onde é possível "viver a sexualidade sem fecundidade, a sexualidade sem amor, a fecundidade sem sexualidade" (p.28). Estes elementos, segundo o autor, estão cada vez mais distantes, e este fato tem consequências graves para a sociedade. "As mudanças atingem simultaneamente os aspetos institucionais da realidade familiar bem como as

identidades pessoais e as relações mais intimas entre os membros da família" (Petrini, 2005, p. 29)

Os comportamentos que sustentavam as relações entre os sexos e as relações de parentesco, segundo o autor, foram abandonados. "A fecundidade desligada de uma relação de amor aparece agora como definida pela decisão individual e pelo acesso à tecnologia avançada" (p.29). No que diz respeito à própria relação de intimidade entre o casal, Petrini (2005) defende ainda que, dependendo da autonomia de cada pessoa relativamente ao uso da sua liberdade, e também por influência do mercado, os casais podem optar por uma estabelecer uma relação nupcial ou uma relação ocasional (p.32).

Este autor caracteriza a primeira como sendo a mais "comum" no universo familiar, onde o homem e a mulher assumem um projeto de vida comum, que tem início no namoro, sendo consolidado com o matrimónio. Nesta relação, é comum o casal partilhar entre si as responsabilidades de educação dos filhos e manutenção da vida doméstica. Já no que diz respeito à relação ocasional, Petrini (2005) afirma que não existe um projeto de vida comum, sendo apenas reconhecida como uma companhia para a vida, exaltada pela autonomia de cada um. Nesta, as pessoas envolvidas estabelecem uma relação de "aceitação recíproca que valoriza as qualidades e convive com as limitações e com os defeitos, já conhecidos e assumidos como parte integrante do relacionamento" (p.32), caracterizada por uma sexualidade que não quer criar vínculos, que não está aberta à procriação, sendo apenas momentânea.

1.3.4 A mulher no mercado de trabalho

Um dos grandes fatores de mudança na sociedade foi a entrada da mulher no mercado de trabalho. A mulher ao longo dos anos foi conquistando um lugar no mundo do trabalho, ganhando uma nova autonomia.

> A perspectiva de realização pessoal pôs um fim à definição da mulher como rainha do lar e abriu as portas das empresas ao trabalho feminino. Isto aumentou sensivelmente os rendimentos domésticos e as possibilidades de consumo familiar e, simultaneamente, reduziu a dedicação às tarefas domésticas e à educação dos filhos. (Petrini, 2005, p. 30)

Carter e McGoldrick (1995, cit. por Chaves, 2015) consideram que as mu-

lheres não se sentem satisfeitas apenas com o papel de mulher e de mãe, procurando novos objetivos fora da esfera familiar. As autoras referem mesmo que a "mudança de status feminino" (p.19) que se deu ao longo dos tempos, nomeadamente a entrada na esfera profissional, influenciou o modo como as mulheres hoje vêm o casamento e a maternidade.

> O grupo familiar foi-se restringindo progressivamente e o papel social, nele desempenhado pela mulher encontrou-se igualmente reduzido. Ao mesmo tempo, a mulher tende a ingressar na vida profissional, não só por coação económica, mas também por interesse próprio e para participar mais activamente na vida social. (Paul-Henri & Lauwe, 1950, p. 485)

Segundo Paul-Henri e Lauwe (1950) o homem deixou de ser o único provedor da família e adoptou algumas das tarefas domésticas, traduzindo-se com novas funções de pai junto dos seus filhos. Mesmo assim, Giddens (2007) afirma que as mulheres trabalhadoras continuam a executar mais tarefas domésticas que os homens. Também Dias (2011) defende esta opinião, afirmando que mesmo que se tenham assumidos novos paradigmas de estrutura familiar e de igualdade nos papeis, é sob a mulher que continua a recair a maior parte das funções domésticas como as de organização interna.

1.3.5 Divórcios

Chaves (2015) relativamente ao aumento significativo de divórcios, demonstra que é notável, pela forma mais alargada como as tradições familiares são hoje vividas, que os conjugues se sentem, de certa forma, mais "livres" de escolher o tipo de relacionamento que querem adotar. Este torna-se, muitas vezes, diferente daqueles que puderam presenciar na sua família. Carter e McGoldrik (1995, em Chaves, 2015) referem o facto de os casais, ao se sentirem "mais livres para fazerem escolhas e se separarem, se não estiverem satisfeitos" (p.20) tem vindo a influenciar o aumento de divórcios.

É visível que o distanciamento que se está a criar entre os laços familiares, desenvolve dificuldades na gestão familiar. Oliveira (2008, cit. por Chaves, 2015) defende que as dificuldades encontradas na cultura familiar não estão obrigatoriamente

ligadas às configurações das famílias, mas também, às relações estabelecidas entre os seus membros. Como consequência, é também possível identificar o aumento de famílias monoparentais.

> A família pode ser entendida como um sistema ativo que se transforma constantemente, para garantir a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros. Este processo possibilita o desenvolvimento desta instituição como unidade, ao mesmo tempo em que permite a diferenciação de seus membros (Chaves, 2015, p. 18)

1.4 Os Efeitos das Mudanças no Papel Educativo da Família

Face às questões referidas no ponto acima, é necessário agora analisar as consequências que estas têm, ou poderão vir a ter no que diz respeito ao papel educativo da família.

No que diz respeito ao contexto parental que foi já analisado, Brito et al. (2013) mostram que os pais, ao não serem capazes de responder às demais situações do quotidiano, como proibir ou permitir, demonstram a sua fragilidade. Desta forma, os pais tornam-se vulneráveis às teorias e alternativas educativas, as quais os autores afirmam que "nem sempre tem uma repercussão favorável no contexto familiar" (p.404). Estes, defendem que a falta de referências, de tempo e a ausência parental no quotidiano das crianças, acaba por induzir os pais numa prática educativa mais flexível, dentro dum pensamento de compensação.

Coelho (2001, cit. por Brito et al., 2013) afirma mesmo que "a referência à falta enfatiza na criação uma preocupação excessiva em preencher as lacunas a partir da oferta de bens de consumo e lazer aos filhos, em detrimento dos bens mais fundamentais inscritos na dimensão simbólica: valores e deveres" (p.411).

> A ideia dos pais de serem amigos, pares, iguais para seus filhos pode estar apontando para um sentimento de culpa e para o medo de ao serem "rígidos demais", perderem o amor dos filhos. A autoridade, muitas vezes, é sentida como um auto¬ritarismo e os pais acabam por se perderem nessa ambiguidade, sem saber o momento de ser "amigo" e o momento de serem "pais" e de impor regras, limites e se fazerem respeitados (Vilhena, 1998 cit. por Brito, Miranda,

& Hannum, 2013).

Wagner (2003, cit. por Brito et al., 2013) apresenta que um dos dilemas da atualidade assenta sobre "os pais a quererem educar de uma forma moderna, rejeitando o modelo antigo, considerando o tradicional e hierárquico". Defende assim, que os pais acabam por não transmitir às gerações atuais as referências educativas que os próprios experiênciaram. "Fragilizados frente a seus filhos, os pais em sua perda de referência consideram a educação, responsabilidade do núcleo familiar, uma das tarefas mais difíceis de realizar" (p.405). Também Hurstel (2006, cit. por Brito et al., 2013) defende esta opinião, afirmando que os pais perderam os pontos de referências tradicionais, tendo agora dificuldades em assumir a sua função, gerando confusão de lugares entre pais e filhos.

No seguimento desta perda de identidade paternal, os pais ficam cada vez mais sujeitos à necessidade de intervenção de terceiros. Cardoso e Monteiro (2001, cit. por Brito et al., 2013) afirmam que uma intervenção de terceiros acaba por colocar, cada vez mais, a capacidade dos pais, no que diz respeito às suas funções, em dúvida.

As tarefas educativas e de socialização são cada vez mais compartilhadas com outras agências, públicas ou privadas" (Goldani, 1994 cit. por Petrini, 2005). É notório que cada vez mais a educação é uma prática partilhada entre a família e as instituições, tendo isso, obviamente, os seus prós e contras.

> Apesar de a família ser a matriz do desenvolvimento psicossocial de seus membros, deve adaptar-se as exigências culturais da pós-modernidade. Porém ao modificar-se frente a estas demandas socioculturais, deve manter a continuidade do crescimento de cada um garantindo-lhes as diferenças de comportamento, enquanto um sistema aberto e flexível (Pitombom, 2006, p. 6)

1.5 Desafios da Prática Educativa

A família, segundo Dias (2000), desempenha um papel de influência na vida organizacional das instituições. É a familia que, segundo a autora, "altera o quadro educativo não só estrutural, mas também funcional" (p.87). Esta considera que a mes-

ma, embora envolvida na organização educacional dos seus filhos, conservando uma posição central, tem vindo a assistir a uma diminuição da sua participação.

> É geralmente nas escolas que são transmitidos valores, normas, atitudes e comportamentos, aos quais a família é sensível. De facto, a escola é o agente social de transmissão mais directo, onde os jovens interiorizam e fazem as suas escolhas pessoais, os seus juízos e decidem muito sobre aquilo que a família hoje não é capaz de lhes dar. Os espaços e o tempo que aqueles passam na família é reduzido e, por isso, passam mais tempo nas instituições que na família. (Dias., 2000, p. 87)

Os valores e comportamentos que os indivíduos adquirem na escola podem, segundo a autora, ser considerados como bons ou maus, suficientes ou não, mas o mais provável é que serão estes que irão ajudá-la a organizar a sua vida adulta e familiar.

Petrini (2005) considera que são muitos os fatores externos à família que influenciam os valores e os critérios dos modelos de comportamento de cada membro. Um dos fatores que o autor defende ser de grande influência é o contexto escolar que os filhos frequentam.

Gaivão (2002) considera que a criança quando chega ao contexto escolar, mais precisamente ao ensino pré-escolar, irá viver várias experiências, que irão refletir-se no seu desenvolvimento social.

> A criança já tem um "EU" constituído e muitas aprendizagens, mais ou menos satisfatórias, de algumas condutas humanas que foram vivenciadas no seio familiar. No entanto, para crescer harmoniosamente, uma criança precisa de outras crianças e de um espaço capaz de lhe proporcionar experiências gratificantes e enriquecedoras ao nível do seu próprio desenvolvimento. (Gaivão, 2002, p. 18)

Este processo escolar é, segundo a autora, um processo delicado, que envolve várias questões e vários intervenientes da ação educativa. Gaivão (2002) considera assim que o educador deve esforçar-se para que, além da criança, também a família participe no dia a dia do contexto educativo.

> (…) a família da criança ajudará o educador a conhecer e a lidar com o seu filho, para que opte, então, por critérios, valores e atitudes que se completem uns aos outros e não conduzam a criança por diferentes caminhos mas criem, sim, uma certa coerência entre eles. Desta forma, a criança poderá, mais facilmente, ser ajudada através das experiências vividas nos diferentes lugares, a situar-se e a criar um fio condutor na sua vida. (Gaivão, 2002, p. 26)

Assistimos hoje, com todas as mudanças na sociedade relativamente à cultura familiar apresentadas nos pontos acima, a uma fase de desafios também da prática educativa. Este ponto, pretende identificar quais são os desafios e as questões que, relativamente ao tema em questão, preocupam os profissionais de educação, e quais são os aspetos que os levam a refletir sobre a sua própria prática.

Assim sendo, é possível refletir agora, mais do que nunca, sobre a forma como deverão ser trabalhadas e apresentadas estas questões familiares às crianças. Como devem os intervenientes da ação educativa tratar os assuntos familiares com as crianças? Será que se deve apresentar e mostrar todas as realidades familiares atuais a todas as crianças? Venha esta de qualquer modelo familiar? Como devem ser trabalhados os dias comemorativos do dia da mãe e do pai na atualidade? Devem os profissionais adaptar-se e estar abertos a todos os modelos familiares e relativizá-los na educação e contexto escolar? Quais as maiores preocupações dos adultos da ação educativa em relação a este tema?

Sem nunca perder a relação escola-família, que é de máxima importância para o trabalho realizado no contexto educativo, como devem os profissionais de educação, nomeadamente os educadores e os professores primários, trabalhar todas estas novas mudanças das famílias com as crianças? Não esquecendo que é uma profissão em que a personalidade dos profissionais e de máxima importância, que fatores podem estar presentes na análise do tema por parte dos mesmos?

CAPÍTULO 2 – PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA

Este capítulo descreve a forma como a investigação foi realizada, apresentando a sua metodologia tendo em conta os objetivos definidos. Encontra-se organizado de acordo com os seguintes pontos: 2.1 Problemática do Estudo, 2.2 Paradigma Qualitativo, 2.3 Entrevista, 2.4 Participantes, 2.5 Recolha de dados e 2.6 Tratamento e Análise de Dados.

2.1 Problemática do estudo

A problemática do estudo surgiu de um interesse pessoal, com o objetivo de compreender como as mudanças sociais a que assistimos hoje, relativamente às questões familiares, influenciam a sociedade e, nomeadamente, a prática do profissional de educação.

O estudo apresentado é levado a cabo pelo aluno-investigador, conduzido pelo interesse em abordar a importância da família na sociedade, as mudanças da cultura familiar e as consequências das mesmas. Uma vez que nos encontramos numa sociedade em constante mudança, com um ritmo bastante acelerado, torna-se essencial refletir sobre as questões familiares e como estas são abordadas no contexto educativo.

Como futura profissional de educação, a relação escola-família, bem como profissional-família, é algo sobre o qual reflito bastante. Uma vez que a a escola é complementar à família, torna-se importante refletir sobre a evolução desta e como se comporta atualmente na nossa sociedade.

As famílias confiam na escola para participar na educação dos seus filhos e estas devem esforçar-se por estar perto delas. Isto implica observá-las, ouvi-las, respeitá-las e tentar fazer o melhor para responder de uma forma positiva às suas necessidades, focando-se no desenvolvimento e bem-estar das crianças. Hoje em dia, temos um variado leque de contextos familiares, e as crianças que se desenvolvem nos mesmos vão, de certa forma, seja na escola, em atividades, ou na própria sociedade em geral, lidar umas com as outras. Por isso, torna-se imperioso que a escola se estabeleça como um espaço comum entre todas, onde todos são diferentes e que todos são, no fundo, iguais.

A partir de reflexões pessoais como estas partilhadas em cima, surgiu a iniciativa de analisar e entender quais são as perceções de um conjunto de atores sobre as mudanças familiares que ocorreram ao longo dos anos, quais as que ainda perduram, e como estas influenciam a sociedade, as instituições escolares e educativas e assim, a prática do profissional de educação, identificando os desafios que estes enfrentam diariamente relativamente às questões abordadas relativas à família identificados pelos entrevistados.

2.2 Paradigma Qualitativo

A presente investigação segue o paradigma interpretativo-qualitativo, abordando as questões familiares referidas no quadro teórico. Todos os processos de recolha de informação foram realizados com o intuito de ilustrar e apresentar as perceções dos entrevistados sobre esta realidade, abordando as questões familiares de forma minuciosa.

O estudo toma como principal interesse a forma como os participantes do estudo dão sentido às questões familiares nas suas vidas pessoais e profissionais, tentando interpretar o modo como estes vivem a realidade familiar, o modo como a experienciam, e como a interpretam. É necessário compreender o papel que os profissionais de educação e as famílias assumem atualmente e qual a opinião acerca da situação familiar atual.

Todos os dados foram recolhidos através de entrevistas, conversas informais e recolha documental e serão analisados de forma indutiva, tentando aproximar-nos de uma maior compreensão do fenómeno em estudo através do ponto de vista dos entrevistados.

> A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 49)

As diferentes abordagens apreendidas e analisadas apresentam-se segundo diferentes perspetivas, não com a intenção de confirmar ou não hipóteses construídas

previamente, mas sim, construir abstrações relativas ao tema, que se vão agrupando à medida que os dados são recolhidos. (Bogdan & Biklen, 1994)

2.3 Entrevista

A recolha de dados realizada no estudo, que pretendia entender a perpeção dos entrevistados sobre um conjunto de questões familiares, vivida pelas famílias e pelos profissionais de educação, foi realizada através de entrevistas semiestruturadas.

A entrevista, segundo Bogdan e Biklen (1994), consiste numa conversa intencional, entre duas ou mais pessoas, como estratégia de recolha de dados que pode, ou não, ser utilizada em conjunto com a observação, análise de documentos e outras técnicas. Neste caso, a entrevista esteve aliada à análise de literatura, desenvolvida no capítulo 1, e permitiu recolher dados descritivos "na linguagem do próprio sujeito" (p.134) permitindo-nos desenvolver a perspetiva de como os participantes entrevistados lidam com as questões familiares atuais. Não se pretende conhecer apenas o que o sujeito pensa sobre o assunto em questão, mas também sobre sua forma de atuação sobre o mesmo.

> Não existem regras que se possam aplicar constantemente a todas as situações de entrevista, embora possam ser feitas algumas afirmações gerais. O que revela ser mais importante é a necessidade de ouvir cuidadosamente. Oiça o que as pessoas dizem. Encare cada palavra como se ela fosse potencialmente desvendar o mistério que é o modo de cada sujeito olhar o mundo. (Bogdan & Biklen, 1994, pp. 136-137)

Esta é uma técnica qualitativa interativa, de recolha e análise de dados, que exige um momento de interação entre o entrevistado e o entrevistador. As entrevistas realizadas seguem um guião estruturado, com questões pré-estabelecidas do tema em questão. Ainda assim, Bogdan & Biklen (1994) defendem que mesmo quando existe um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude que lhe permite levantar novas interrogações de forma a especificar e a desenvolver mais o tópico.

2.3.1 Elaboração do Guião das Entrevistas

Todo o processo de recolha de informação acerca do tema em questão iniciou-se com a elaboração de um guião de entrevista, com questões pertinentes para a investigação. Desta forma, tornou-se essencial refletir acerca das questões, bem como a sua pertinência e sequência. Tendo em conta que os participantes envolvidos se inserem em diferentes registos e perspetivas, foi muito importante estipular perguntas específicas para os mesmos, tendo em conta a sua profissão e experiência de vida.

Assim sendo, numa primeira etapa, foi realizada uma reflexão e análise sobre as questões gerais, acerca do tema, que orientam todo o estudo. Nestas, era importante ter em conta os principais objetivos do estudo, que abordassem a opinião dos participantes acerca da importância da família, as mudanças da cultura familiar e os desafios destas. Num segundo momento, foram desenvolvidas as perguntas mais específicas para cada grupo de entrevistados, nomeadamente, para os participantes que se inserem no estudo segundo o seu papel como pais, outras para os participantes com prática profissional na área de educação e ainda perguntas específicas para a entrevistada com prática profissional na área de coaching parental.

2.4 Participantes

Tendo em conta o tema abordado em toda a investigação, considerámos relevante abordar duas grandes perspetivas: a das famílias e a dos profissionais de educação. Para tal, na escolha dos participantes profissionais de educação, foi tido em conta a valência em que lecionam e os anos de serviço. Já nos participantes relativos à perspetiva da família, foi tido em conta o sexo dos participantes, a situação familiar e experiência de vida do entrevistado. O estudo contou ainda com a participação de uma psicóloga que atualmente trabalha como coach parental, que nos pode apresentar a sua perspetiva profissional nesta área ainda recente.

O grupo de participantes apresenta uma diversidade de percursos profissionais e situações familiares, benéfica para a riqueza do estudo. Assim sendo, relativamente aos profissionais de educação, foram escolhidas duas educadoras que trabalham na mesma instituição privada, mas que têm diferentes anos de serviço, e um professor primário que exerce numa escola pública. Os pais entrevistados, no contexto da perspetiva familiar, têm a mesma idade, mas sexos diferentes e uma situação familiar bem distinta. Todos os participantes serão caracterizados de seguida:

2.4.1 Entrevistada I

A entrevistada I é educadora, tem trinta anos e realizou o curso de Licenciatura Básica na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich. Conta com nove anos de serviço e já trabalhou em diferentes valências e instituições.

2.4.2 Entrevistada II

A entrevistada II tem quarenta e seis anos, é educadora, e realizou o bacharelato na Escola Superior de Educadores de Infância e, mais tarde, a licenciatura na Escola Superior de Educação de Lisboa. Conta com vinte e um anos de serviço, tendo já trabalhado em várias instituições

2.4.3 Entrevistado III

A entrevistada III tem quarenta e quatro anos e é professor primário numa escola do Barreiro. Frequentou a Escola Superior de Educação Jean Piaget e atualmente leciona o quarto ano do 1º ciclo, dando-nos o seu contributo, partilhando as suas opiniões acerca do tema como professor primário, tendo que trabalha no contexto escolar do sistema público de ensino.

2.4.4 Entrevistada IV

A entrevistada IV tem cinquenta e dois anos, é casada há trinta e três anos e tem quatro filhos. Inicialmente tirou o curso de decoração de interiores e história de mobiliário e restauro na Fundação Espirito Santo, e mais tarde, realizou o curso de multimédia. Atualmente não trabalha, dedicando-se exclusivamente à educação dos seus filhos mais novos.

Fruto do seu casamento, tem quatro filhos, dois mais velhos, na casa dos trinta anos, e dois mais novos na casa dos dez. Durante toda a infância dos filhos mais velhos trabalhava e, com os mais novos, decidiu acompanhá-los a tempo inteiro.

2.4.5 Entrevistado V

A entrevistada V é licenciado em engenheria informática, realizou uma pós--graduação em marketing e outra em gestão, e atualmente, é o diretor do departamento de desenvolvimento de negócios numa grande empresa. Tem cinquenta e dois anos, e fruto do seu primeiro casamento tem dois filhos entre os dezoito e vinte anos. Mais tarde, quando se separou, foi a sua ex-mulher que saiu de casa e ficou pela gestão da casa e dos seus filhos durante toda a infância dos mesmos.

Após alguns anos, voltou a casar e os seus filhos foram então viver com a sua ex-mulher. Ainda assim, todas as semanas estava reunido com os seus filhos, e estes deslocavam-se para sua casa em fins de semana alternados. Continuou sempre envolvido na educação dos filhos e na gestão escolar destes ao longo da sua vida até hoje.

2.4.6 Entrevistada VI

A entrevistada VI tem quarenta e cinco anos, realizou uma licenciatura em psicologia na Faculdade de Psicologia de Lisboa, e o mestrado em Psicologia Escolar na Universidade do Minho. Atualmente, trabalha como coach parental, tendo fundado, em 2008, a primeira empresa de Family Coaching em Portugal. O seu público são principalmente as famílias, mas o trabalho de coach que realiza estende-se também aos profissionais que lidam com as famílias, como psicólogos, professores, educadores, assistentes sociais, mediadores, entre outros.

2.5 Recolha de Dados

Tal como já foi referido, este estudo insere-se no paradigma qualitativo e, por isso, são desenvolvidas uma série de interpretações e considerações a partir das perspetivas de cada participante, tentando recolher o máximo de dados que permitam entender e esclarecer o tema desenvolvido.

Para tal, no desenvolvimento do estudo apresentado, os instrumentos utilizados para a recolha de dados da investigação foram as entrevistas, as conversas informais e a recolha documental. Estes instrumentos permitiram compreender, através das informações obtidas, muitas questões desenvolvidas durante toda a abordagem do tema e a forma como as questões familiares têm vindo a evoluir na nossa sociedade.

2.5.1 Entrevistas

No decorrer de toda a investigação, foram realizadas seis entrevistas, com perguntas gerais desenvolvidas previamente, acerca da temática do estudo. De acordo com os participantes, a sua experiência profissional e a sua situação familiar, foram desenvolvidas também algumas questões específicas para os mesmos.

Cada entrevista, foi agendada conforme a disponibilidade dos entrevistados, tendo sito contactado pessoalmente para estabelecer a data e local da entrevista. Todas duraram, em média 30 minutos, exceto uma que se estendeu até aos 45 minutos. Principalmente no caso das entrevistas com os profissionais de educação, o tempo estava já estipulado previamente, limitado pelo horário de trabalho dos mesmos.

O guião da entrevista adota sete questões gerais acerca do tema, tendo sido sempre aplicadas em todas as entrevistas. Em cada entrevista foram acrescentadas mais perguntas, específicas para o próprio entrevistado. Assim sendo, para os profissionais de educação, foram acrescentadas mais cinco questões específicas do tema, mais direcionadas para a sua prática profissional. Para os pais, foram acrescentadas mais quatro perguntas, de forma a conhecer a sua perspetiva enquanto pais. Por último, relativamente ao guião da entrevista da coach parental, foram acrescentadas mais duas perguntas relativamente à sua prática profissional.

2.5.2 Conversas Informais

As conversas informais são também uma ótima maneira de recolher sempre informação, através do diálogo direto com as pessoas. Estas permitiram-nos conhecer melhor os entrevistados e também conhecer, no caso de da entrevistada VI, esta prática profissional ainda recente, que é o coaching parental.

São sempre momentos que, além de enriquecerem toda a investigação, proporcionam um ambiente mais natural e descontraído durante toda a entrevista, em que tanto o entrevistado como o entrevistador podem partilhar um pouco a sua situação de vida, partilhando os seus pontos de vista mais gerais acerca do tema em questão e até de tema relacionados com este.

2.5.3 Recolha Documental

Toda a revisão bibliográfica foi um passo essencial para o desenvolver do estudo, pois além de ser um instrumento seguro, permitiu conhecer um pouco aquilo que, os autores específicos do tema, já desenvolveram e quais as suas análises e

perspetivas. Foi importante para a investigação recolher toda a informação possível acerca do tema, desenvolvendo o estudo em torno do que despertava mais curiosidade e inquietação, dando sempre bastante suporte não só na parte teórica como em toda a investigação.

2.6 Tratamento e Análise de Dados

Depois de realizada toda a recolha de dados, iniciou-se uma análise de conteúdo de toda a informação recolhida. Este trabalho foi desenvolvido através das considerações partilhadas por cada participante e organizou-se segundo quatro fases: a elaboração do guião de entrevista, a realização das entrevistas, transcrição das entrevistas e, por último, a análise de conteúdo das entrevistas.

2.6.1 Realização das Entrevistas

Todas as entrevistas foram realizadas de uma forma informal e bastante descontraída. Num primeiro momento, foram colocadas questões referentes aos dados dos entrevistados e, dentro do possível, um enquadramento pessoal, numa partilha do percurso de vida pessoal e profissional.

De seguida, o entrevistador seguiu o guião previamente desenvolvido, com as questões elaboradas propositadamente para o estudo em questão. Por vezes, a ordem das questões foi alterada, seguindo o discurso do entrevistado.

Os locais onde foram realizadas as entrevistas foram definidos por cada entrevistado e foram assistidas por gravação de áudio, de forma a facilitar a sua análise posterior. Todos os participantes foram informados desta necessidade e autorizaram a gravação integral da entrevista.

2.6.2 Transcrição das Entrevistas

A transcrição das entrevistas é uma tarefa necessária para a realização da análise de conteúdo das mesmas. Nas transcrições apresentadas, foi efetuada uma numeração de linhas, para facilitar todo o processo de análise de conteúdo.

Através da transcrição de cada entrevista, foi-nos possível analisar, mais por-

menorizadamente as informações partilhadas pelos entrevistados, seguindo o raciocínio do discurso dos mesmos.

2.6.3 Análise de Conteúdo das Entrevistas

A análise de conteúdo foi desenvolvida através de um processo de organização de dados, onde foi realizado um sistema de categorização.

> O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras ou frases são categorias de codificação. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 221)

Através do processo de codificação foi então possível categorizar cada tópico e tema abordado pelos entrevistados, agrupando as várias opiniões partilhadas em tópicos comuns. Estas categorias, tal como Bogdan & Biklen (1994) afirmam, "constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu de forma a que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados" (p.221). Depois de cada tópico ter sido categorizado foram então analisados os dados obtidos sobre cada tema abordado.

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

O capítulo que se segue enquadra uma reflexão sobre os dados obtidos no processo de investigação, de acordo com o quadro de referência teórico já apresentado, salientando as considerações mais relevantes das entrevistas realizadas. Este encontra-se dividido em cinco partes, sendo estas: 3.1 Referência às subcategorias de análise de conteúdo; 3.2 o papel da família no desenvolvimento da criança e na sociedade; 3.3 Considerações dos entrevistados sobre as mudanças familiares; 3.4 Desafios da família atuais; e 3.5 Considerações dos entrevistados sobre a prática educativa.

3.1 Referência às categorias de análise de conteúdo

3.1.1 Papel da família no desenvolvimento da criança

O papel da família no desenvolvimento da criança foi principalmente caracterizado pelos entrevistados a nível das dimensões sociais, no que diz respeito à socialização da criança, à transmissão de valores e na sua orientação. O participante V defende que a família é a base do individuo e de toda a sua educação, sendo responsável pela transmissão de valores. Também o entrevistado I reforça esta ideia afirmando também que a família está na base de toda a transmissão de valores, princípios e regras, sendo através destes que a família insere a criança na cultura e sociedade.

3.1.2 Papel da família na sociedade

A partir da perspetiva de que é a família que insere a criança na sociedade, os entrevistados abordaram então a importância desta no desenvolvimento da sociedade. O entrevistado I considera que cada família, ao ter os seus valores e regras específicas, sustenta a sociedade, sendo através dos pequenos grupos familiares que a sociedade se desenvolve. Também o participante VI afirma que é, pela originalidade e diversidade familiar que as famílias contribuem para uma sociedade diversificada. O participante V defende ainda mesmo que a família é o núcleo da sociedade desde os tempos imemoriais, prolongando-se até hoje sendo, tal como o entrevistado III considera, que a influência exercida pela família determina o estilo de uma sociedade (anexo 8, linha 10).

3.1.3 Papel dos pais

Os entrevistados que participaram no estudo, partilhando connosco a sua vida familiar e as suas opiniões acerca do papel dos pais, consideraram principalmente, que o papel central é ainda muito relacionado com a mãe. Mesmo assim, tanto IV e V, afirmam que o papel do pai tem vindo a alterar-se ao longo dos anos. O entrevistado IV considera que o papel do pai hoje é já muito parecido com o papel da mãe e também o participante V refere-se ao papel do pai como um papel que se vai alterando conforme o crescimento dos filhos, passando de modelo e referência a aconselhador e, por fim, companheiro.

3.1.4 Desafios familiares atuais

No que diz respeito aos desafios que a família enfrenta nos dias de hoje, os participantes consideraram unanimemente que a sociedade atual, característica do século XXI, apresenta bastantes desafios quer a nível da globalização, informação, vida profissional e gestão do tempo.

O entrevistado VI considera que o facto de se ter hoje acesso a todo o tipo de informação acaba por fazer com que as famílias não se sintam confiantes, não sabendo o que está certo ou errado. Também o excesso de estímulos, é referido pelo participante VI, por criar um ritmo de vida muito acelerado, onde se tenta fazer tudo ao mesmo tempo, e onde, segundo entrevistado IV os horários exigentes complicam a gestão familiar, tendo que haver uma grande organização.

3.1.5 Considerações dos entrevistados sobre as mudanças familiares

No que diz respeito à origem das mudanças familiares, os entrevistados abordaram muito a questão da evolução dos tempos. O participante IV refere até a revolução do 25 de Abril, afirmando que antigamente existia toda uma calma que hoje não é possível. O trabalho e a evolução da vida profissional são ainda apontados pelos participantes, como um ponto de partida para toda uma adaptação da gestão familiar às exigências da mesma, sobrando assim pouco tempo para a educação das crianças. O entrevistado III defende mesmo que todas as mudanças a que assistimos hoje na família têm origem nas exigências e pressões que a sociedade hoje em dia exerce sobre os pais.

Já relativamente às possíveis consequências que poderão existir, derivadas das alterações familiares a que assistimos, o participante V defende que haverá um envelhecimento da Europa que é já visível nos dias hoje. Também os entrevistados I e II, como profissionais de educação, consideram que irá ser muito difícil gerir todos os estilos de vida no contexto escolar, pois cada família se dirige hoje, em direções opostas, num sentido muito egoísta. É ainda, referido pelo entrevistado II, a possível perda das tradições familiares que são, desde sempre, transmitidas pelas diversas gerações que hoje, desenvolvem outros estilos de vida, com outras prioridades. Também o participante II considera que a principal consequência de todas as mudanças é o facto de se estarem a criar crianças com deficiências na sua educação passando esse "problema" e a resposta ao mesmo responsabilidade da escola.

3.1.6 Desafios da prática educativa

Relativamente aos desafios que a prática educativa das instituições escolares e os profissionais de educação enfrentam, os entrevistados referiram, principalmente, a questão da heterogeneidade de contextos familiares e educações. Foram abordadas, em todas as entrevistas, perspetivas de como será a melhor maneira da escola dar resposta e conseguir integrar esta diversidade que se está a desenvolver atualmente.

O participante II defende que o principal desafio das instituições é conseguirem assimilar a realidade familiar que se vive hoje, sem perder na sua prática os seus valores em que se sustenta. Devem sim, esforçar-se por integra-los na evolução social a que assistimos. O entrevistado II acrescenta ainda que uma das principais dificuldades hoje é fazer ver aos pais que o papel de educar começa em casa e a escola não deve substituir a função da família.

3.1.7 Considerações dos entrevistados sobre a prática educativa

No que diz respeito às considerações dos entrevistados acerca da prática quer das instituições, quer dos profissionais de educação, são enunciadas várias medidas. Relativamente às instituições escolares é, principalmente, identificada a exigência de uma prática mais aberta e reflexiva acerca das mudanças da sociedade, numa perspetiva de mediadora e reguladora entre a sociedade e os valores da própria instituição. Ainda que, na opinião do participante II a escola deva ter como objetivo principal a transmissão de conhecimento e não de educar.

Já na prática do profissional, é também enunciada uma prática nesta linha, de muita reflexão e consideração por cada aluno e cada família, onde é defendido que o professor deve entender e dar uma resposta positiva às mudanças da sociedade, que afetam e modificam a escola e os papeis dos profissionais na sala de aula.

3.1.8 Relação pais/profissionais de educação

Nesta categoria, os participantes profissionais de educação e os pais entrevistados defendem principalmente, e com muita coerência, que os fatores mais importantes são uma comunicação verdadeira e aberta sem esquecer que o principal é sempre a criança e o seu bem-estar. O entrevistado I considera que é preciso sempre abertura para abordar todas as questões relacionadas com a criança, mediando aquilo que é relevante ou não, em coerência com a opinião apresentada pelo participante III que defende que a relação professor/família deve-se guiar por um caminho de responsabilização compartilhada.

3.1.9 Coaching parental

Esta categoria aborda as questões que nos foram partilhadas pelo participante VI, que exerce a prática de coaching parental e que trabalha diretamente com as famílias. Esta, partilhou connosco que as questões que as famílias mais lhe trazem estão relacionadas com a gestão do tempo, disciplina e limites, tanto dos pais como dos filhos, e questões relacionadas com a escola como a gestão dos trabalhos de casa e no sentido de como podem os pais resolver problemas que ocorrem em tempo escolar.

Figura 1: Diagrama das categorias e subcategorias da análise de conteúdo

3.2 Papel da família no desenvolvimento da criança e na sociedade

Foi possível identificar que, de uma forma geral, todos os entrevistados, no que remete para o papel da família no desenvolvimento da criança e na sociedade, referem aspetos de cariz social. Estes consideram que o papel que a família desempenha no desenvolvimento da criança tem consequências e implicações no papel que a família desempenha na sociedade.

O participante II defende que a família tem o papel socializador da criança, devendo sempre ser a família o grupo de segurança onde o ser humano se desenvolve. Também neste sentido os participantes VI, I e V, consideram que é a família o grupo que transmite os valores, princípios e regras à criança, inserindo-a na cultura e assim, na sociedade. O entrevistado V afirma mesmo que "a família é a base da pessoa em si, da sua educação e a responsável pela transmissão de valores" (anexo 10, linha 4). Referente ainda ao desenvolvimento da criança, os entrevistados VI e IV consideram também que a família tem um papel estabilizador e orientador de diversas capacidades, onde a criança pode experienciar várias aprendizagens, preparando-se assim para o mundo social exterior à sua família.

Face ao papel da família na sociedade é possível identificar, seguindo os tópicos abordados em cima, que os entrevistados consideram, em primeiro lugar, que a família é o núcleo e base de toda a sociedade já que "desde os tempos imemoriais que a sociedade é constituída por famílias" (V, anexo 10, linha 13). O participante II considera que sendo esta a base da sociedade, se as famílias se desestruturarem, irão também desestruturar toda a sociedade. A entrevistada define as famílias como pequenas sociedades que, caso não se formem bem, não irão formar uma sociedade "boa" (anexo 7, linha 17). Ainda o entrevistado I defende que, se a família é a base da criança, é também a base da sociedade pois é esta que insere a criança na sociedade sendo que "é através destes pequenos grupos que a sociedade se desenvolve" (anexo 6, linha 15) em coerência com a opinião do entrevistado III que defende que "a influência exercida pela família determina o estilo de uma sociedade." (anexo 8, linha 10). O segundo grande aspeto referido pelos entrevistados é o papel da família no que diz respeito à inserção da criança na sociedade. Os participantes II e I consideram que é a partir da família que a criança se insere na sociedade e se adapta ao mundo social, uma vez que cada família se assenta em diferentes valores e regras que sustentam toda a sociedade. Já o participante IV defende mesmo que, quando a criança tem uma base

familiar "muito boa e muito estável" (anexo 9, linha 23) automaticamente sabe instalar-se e comportar-se na sociedade." Já o participante VI completa esta ideia referindo que, uma vez que as famílias são todas diferentes e que se desenvolvem em diferentes contextos, assumem também um papel de diversidade. Isto é, uma vez que as famílias são, de certa maneira, originais e diversificadas, dão também um contributo variado e original que origina uma sociedade diversificada.

3.3 Considerações dos entrevistados sobre as mudanças familiares

Ao longo das entrevistas os participantes partilharam connosco as suas opiniões relativamente a todas as mudanças da cultura familiar a que hoje assistimos na nossa sociedade. Estes, esforçaram-se por tentar identificar a origem e as possíveis consequências na sociedade deste fator que hoje é tanto investigado.

O participante VI considera que estas mudanças ocorrem devido a uma evolução natural da sociedade, a uma evolução do estilo de vida, que I considera ser uma "evolução normal, uma evolução dos tempos (...) mas uma evolução pouco expectável" (anexo 6, linha 45). Também o trabalho é algo referido pelos entrevistados, no sentido em que a gestão familiar teve de se adaptar aos novos ritmos da vida profissional, criando conflitos a nível da gestão do tempo. O entrevistado I afirma que "cada vez se trabalha mais, cada vez se tem menos tempo para tudo e menos paciência também" (anexo 6, linha 49) defendendo que isso se reflete na educação das crianças, pois "no pouco tempo que têm as pessoas estão cansadas e aproveitam apenas para mimar os filhos, esquecendo-se que mimar não significa dar tudo, nem fazer tudo o que as crianças querem, pondo de parte a educação necessária" (anexo 6, linha 37). Também o entrevistado III considera que as mudanças a que assistimos "têm origem nas exigências/pressões que a sociedade hoje em dia exerce sobre os pais." (anexo 8, linha 27).

Relativamente às consequências que os entrevistados apontam como possíveis e expectáveis podemos salientar que, o entrevistado V, demonstra alguma preocupação quanto ao envelhecimento da Europa, afirmando que mesmo hoje já se começa a assistir e o participante III refere que as tradições familiares irão acabar por desaparecer. Esta, considera que a instituição dos avós se tem vindo a perder cada vez mais e os pais, por terem outras exigências exteriores à família, não se focam muito hoje nestas questões. Ainda o entrevistado I, defende que será cada vez mais difícil de gerir, em todos os contextos sociais, as diversas maneiras de estar que cada família e cada individuo adota.

3.4 Desafios da família atuais

De todos os dados recolhidos foi possível, através da análise de conteúdo, identificar quais são os principais desafios, na opinião dos participantes, que a família enfrenta atualmente. Assim sendo, foram identificados três grandes desafios: viver no séc. XXI e na sociedade atual, a gestão do tempo e vida profissional.

No que diz respeito à sociedade atual, característica do século em que vivemos, o participante VI apresenta que o fato de hoje se ter acesso a todo o tipo de informação, acaba por fazer com que as famílias não se sintam seguras de si mesmas e que "já não saibam se estão a tomar decisões certas ou erradas" (anexo 11, linha 31) defendendo que o fato de haverem imensas solicitações e estimulações faz com quem os pais "andem sempre a mil e, consequentemente, os filhos porque vivem nesse contexto acelerado" (anexo 11, linha 37). A entrevistada partilhou até que este ritmo acelerado lhe traz, pessoalmente, muitas preocupações pois hoje sente que as crianças desenvolvem uma "atenção multifocal" (anexo 11, linha 98) em que se esforçam para estar em todo o lado e que depois, no fundo, a cabeça e a mente não estão presentes. Ainda nesta perspetiva, o entrevistado IV afirma que "a sociedade interfere bastante na família, os miúdos estão inseridos nela e, portanto, vão também adquirindo novas capacidades, que trazem para casa e que nós pais, temos que saber gerir e orientar" (anexo 9, linha 54).

Relativamente à gestão do tempo, o participante VI caracteriza esta questão como um desafio pois defende que hoje em dia se criou a ilusão de que se tem que fazer tudo, com igual qualidade e ao mesmo tempo. O entrevistado IV completa esta ideia referindo mesmo que "os horários totais e absurdos, automaticamente complicam toda a gestão familiar" (anexo 9, linha 47).

Ainda no que diz respeito aos desafios familiares identificados pelos entrevistados podemos salientar a vida profissional. O participante VI considera que os pais vivem hoje uma dualidade, a vida familiar e a vida profissional, afirmando que sente que os pais acabam por sentir que, quando estão num lado estão a roubar ao outro, esquecendo-se muitas vezes que um profissional que também é pai ou mãe desenvolve várias competências e que essa situação e uma mais valia para as empresas. O entrevistado IV considera mesmo que este desafio é bastante complicado uma vez que implica uma boa organização da vida familiar.

3.5 Considerações dos entrevistados sobre a prática educativa

Nesta categoria os entrevistados partilharam as suas opiniões e considerações acerca da prática tanto das instituições como dos próprios profissionais de educação. Desta forma, no que respeita à prática das instituições, o participante IV considera que a escola é o primeiro grupo exterior à família e que o seu foco "deve ser o civismo que é comum a todos" (anexo 9, linha 178). O entrevistado II nesta perspetiva, considera que escola deve ter como objetivo principal a transmissão do conhecimento e não de educar. O participante IV apresenta ainda que a escola deve ter em atenção a base familiar de cada criança, e o entrevistado II completa este raciocínio, afirmando que estas não devem restringir a sua prática apenas à "normalidade familiar" a que estão habituadas, mas sim, "arranjar estruturas para que as crianças se sintam bem" (anexo 7, linha 45).

Na perspetiva da evolução, o participante IV defende que a escola tem de acompanhar a evolução da família, sendo elástica o suficiente para se estender aos novos desafios que a sociedade moderna apresenta às famílias, mesmo em questões que vão além do tempo escolar. O entrevistado I considera que, relativamente às questões familiares, a escola deve encarar o papel de mediador, chamando à atenção dos pais à atenção do que pensa ser importante para o bem-estar da criança. Esta defende que a escola tem o papel regulador de todas as mudanças a que hoje assistimos, uma vez que tem a perceção que cada pai e cada família cada vez mais se organiza sobre si mesmo. Considerando que a escola "pode e deve regular muito este comportamento, mostrando as mesmas questões num leque mais alargado, nomeadamente a sociedade" (anexo 6, linha 65) concluindo que "deve intervir nestas questões, mas sem intervir de mais (…) não podemos tentar ensinar os pais como devem ou não agir, mas podemos sim ajudar." (anexo 6, linha 77). O participante VI partilhou ainda que considera que a escola, mesmo seguindo os seus princípios, valores e regras, não deve impor à família o que acha certo ou errado, mas sim estar aberta para receber as diversas famílias que lhe chegam, no sentido que essas crianças possam estar "desprovidas de juízos de valor" (anexo 11, linha 75).

Relativamente à prática dos profissionais de educação o participante I considera que irá ser cada vez mais difícil para o educador esta heterogeneidade, pois não haverá um fio condutor comum entre cada criança e que tal exige um grande esforço do profissional, individualizar cada caso. A entrevistada defende que é necessário "um sistema de constante reflexão" de forma a refletir sobre as estratégias a aplicar e a forma como abordar os vários temas. Ainda o entrevistado III considera ainda que "o professor tem que entender como estas mudanças afetam a escola e modificam o seu

papel na sala de aula" (anexo 8, linha 56).

Finalizando este capitulo, podemos considerar que os participantes do estudo consideram todos que o papel da família, tanto no desenvolvimento da criança como na sociedade, é de grande importância social. Acerca das mudanças familiares e das práticas educativas, os participantes, consoante a sua experiência de vida, identificaram quais os aspetos que consideram mais relevantes, sempre numa perspetiva de abertura e compreensão sobre os novos tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Síntese das questões de investigação

O estudo apresentado contribuiu para uma reflexão acerca da perceção de alguns atores relativamente às mudanças sociais que influenciam a família, abordando de que forma estas implicam a prática educativa. Esta abordagem surgiu de um interesse pessoal, por uma inquietação relativamente a este tema, e talvez também por isso tenha sido realizada com bastante entusiasmo e interesse. Esforçamo-nos por revelar ao máximo, dentro da amostra, quais as perceções dos entrevistados face ao tema e quais as maiores inquietações, tentando compreender de que forma a família implica a sociedade, como a sociedade implica a família e como este resultado implica as práticas educativas.

As entrevistas realizadas e a partilha de informação foram bastante importantes para a construção deste trabalho bem como de todo o conhecimento adquirido, completando a informação recolhida na investigação bibliográfica.

Quais os desafios da família?

De todas as informações recolhidas é possível compreender que os principais desafios, na perspetiva dos participantes, que a família enfrenta atualmente são a forma de viver na sociedade atual e, relativamente a estas, a gestão do tempo e da vida profissional.

Os desafios apresentados relativamente à sociedade atual dizem sobretudo respeito à oferta que hoje existe e à falta de confiança na estrutura familiar. São abordadas questões como a oferta de informação e os estímulos e solicitações que a nossa sociedade dispõe atualmente, sendo apresentadas tanto como pontos positivos como negativos. Biasol-Alves (2002, cit por Brito, Miranda e Hannum, 2013) considera que há hoje um conflito entre as práticas de educação, nomeadamente, pelas práticas educativas recebidas pela família de origem e as práticas modernas. O ritmo acelerado da sociedade atual é outro desafio apontado como uma preocupação, pois implica um ritmo acelerado também da família, sendo que os entrevistados defendem que tal não é benéfico nem para as crianças, nem para os pais. Neste sentido, podemos afirmar que os participantes compreendem a própria sociedade como um fator que influencia

a estrutura familiar, implicando uma adaptação constante da mesma.

Ainda dentro desta questão inserem-se temas como a gestão do tempo, onde também Brito et al.(2013) referem que "o tempo constitui-se como outro importante aspeto que intervém, tanto quantitivamente como qualitivamente, nas relações entre pais e filhos na atualidade" (p.409) e a vida profissional. Estes são os aspetos mais mencionados pelos entrevistados nas questões de dificuldade na gestão familiar. O excesso de carga horária nas carreiras profissionais, a falta de tempo para a família e a forma como a família é hoje obrigada a adaptar-se à rotina do mundo profissional são apontados como uma grande dificuldade do desenvolvimento familiar.

Quais os desafios da prática educativa?

Os desafios da prática educativa foram analisados pelos entrevistados em duas grandes perspetivas, na perspetiva das instituições escolares e na perspetiva da prática dos profissionais de educação. Ainda assim, tendo em conta a análise de dados realizada, é possível identificar que a questão é essencialmente a mesma. Os participantes revelaram que o principal desafio, em ambas as perspetivas, relaciona-se muito com a questão da heterogeneidade crescente no contexto educativo.

Esta abordagem é partilhada como uma preocupação acerca da forma como lidar, de uma forma comum, com tantas e diversas realidades familiares sem perder os princípios, valores e regras em que a instituição se sustenta. De uma forma geral, todos os participantes demonstraram que a instituição deve ir ao encontro da realidade atual das famílias, em prol do bem-estar da criança, mas sem nunca perder a sua personalidade. Na prática especifica dos profissionais de educação, a questão mencionada foi a mesma, defendendo que o professor ou educador deve ter em conta o contexto familiar de cada criança quando desenvolve o seu trabalho e esforçar-se por desenvolver um trabalho comum, estratégias que acredita serem as mais adequadas para o grupo, sem nunca perder de vista o contexto de cada criança. Paulo Freire (1987, cit em Chaves, 2015) considera mesmo que estes precisam de ter uma visão crítica e dinâmica da realidade, "considerando e respeitando as suas transformações" (p.34) onde devem considerar e respeitar as individualidades dos alunos, a bagagem de conhecimento, bagagem cultural e familiar de cada um.

Investigações futuras e reformulações do tema abordado

Através de todo o processo de investigação foi possível conhecer melhor toda esta dimensão de investigação cientifica, percebendo cada vez melhor, ao longo de todo o percurso, o que é investigar, os seus processos e os benefícios que traz a nível pessoal e social. Ainda assim, relativamente ao tema abordado, temos consciência que esta investigação poderia ser melhorada em alguns aspetos. Por ser um tema vasto, com várias abordagens e interpretações, levanta múltiplas questões. As sugestões para estudos futuros que gostávamos de apresentar são então a participação de um grupo mais alargado de profissionais de educação, uma maior diversidade de idades entre os participantes, e ainda, dentro dos desafios e das práticas educativas, uma maior exploração acerca dos trabalhos com a família.

Contudo, apesar das limitações apresentadas, o trabalho de investigação desenvolvido evidencia a importância de os profissionais de educação, bem como as próprias instituições, analisarem e se esforçarem por conhecer as realidades sociais circundantes, de forma a poderem sempre melhorar o seu trabalho com as famílias.

Contribuições para o desenvolvimento pessoal e social

A nível social é possível ouvirmos no dia a dia diversas opiniões acerca das questões familiares que se apresentam ao longo do tempo e observar até como estas questões são vividas pelos diferentes grupos da sociedade. Esta investigação, permitiu conhecer e compreender quais as maiores preocupações da prática educativa atual, quer na perspetiva das instituições como dos profissionais de educação, numa sociedade em constante mudança e onde, cada vez mais, a família adota diferentes posturas.

Toda esta aprendizagem, além de contribuir para o desenvolvimento de capacidades reflexivas, foi também essencial para entender as diferentes perspetivas que podem existir, tendo em conta a experiência de vida e o percurso profissional de cada um. É realmente, através de testemunhos como estes que foram recolhidos, que devemos sempre basear as nossas reflexões, pois mostram, na realidade, aquilo que se vive no dia a dia, sendo que nada na sociedade é estanque e por isso os profissionais de educação devem sempre esforçar-se por se manter atualizados e em adotar uma postura de adaptação constante.

Com esperança de que o trabalho apresentado sirva como um instrumento útil para a comunidade educativa, esperamos que este se torne um contributo para os profissionais de educação e não só, de forma a que o bem-estar das crianças seja o principal foco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, S. B. (s.d.). *A Família na Atualidade, as Funções Materna e Paterna e a Influência do Exercício destas no Desenvolvimento Psicológico dos Filhos.* Brasília: Centro Clínico do Lago.

Boarini, M. L. (2003). Refletindo sobre a Nova e Velha Família. *Psicologia em Estudo.* Maringá: Editorial

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdutória à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Brito, L. N., Miranda, F. J., & Hannum, J. S. (2013). O Contexto da Família na Atualidade e o Processo de Criação de Filhos. *Fragmentos de Cultura*, *4*, pp. 403-414.

Chaves, F. F. (2015). *O Papel da Escola e da Família no Desenvolvimento Infantil: Uma Reflexão das Confusões Presentes na Atualidade.* Florianópolis: Familiare Instituto Sistêmico.

Dias, M. O. (2000). A Família numa Sociedade em Mudança - Problemas e Influências Recíprocas. *Gestão e Desenvolvimento, 9*, pp. 81-102.

Papa Francisco, (2016). Exortação Apostólica Pós-Sinodal AMORIS LAETITTIA Sobre o Amor. Paulinas.

Gaivão, M. F. (2002). Os Pais e o Projeto Educativo. *Projeto de Intervenção Socioeducativa não publicado*, Escola Superior de Educação Jean Piaget, Almada.

Giddens, A. (2007). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gonçalves, M. M. (2012). *Educação, Trabalho e Família.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Kamers, M. (2006). As Novas Configurações da Família e o Estatuto Simbólico das Funções Parentais. *Estilos da Clínica, 21*, pp. 108-125.

Meira, M. C., & Centa, M. D. (2003). A Evolução da Família e as suas Implicações na Educação dos Filhos. *Família Saúde Desenvolvimento, 3*, pp. 215- 222.

Paul-Henri C., & Lauwe, M.-J. C. (1950). A Evolução Contemporânea da Família: Estruturas, funções, necessidades. *Revue Fançaise de Sociologie, 4*, pp. 403-425.

Pedroso, J., & Branco, P. (2008). Mudam-se os Tempos, Muda-se a Família. As mutações do acesso ao direito e à justiça da família e das crianças em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 82*, pp. 53-83.

Petrini, J. C. (2005). Mudanças Sociais e Familiares na atualidade: Reflexões à Luz da História Social e da Sociologia. *Memorandum*, *8*, pp. 20-37.

Pinto, M., & Sarmento, M. J. (1997). *As Crianças - Contextos e Identidades*. Braga: Universidade do Minho - Centro de Estudos da Criança.

Pitombom, E. M. (2006). *Família, Psicopedagogia e Pós-modernidade*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae.

ANEXOS

ANEXO 1 – GUIÃO DA ENTREVISTA COMUM

GUIÃO DE ENTREVISTA COMUM

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data:

Hora:

Duração Aproximada:

Local:

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de Trabalho:

Curso:

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

2. Qual a importância da família na sociedade?

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

ANEXO 2 – GUIÃO ENTREVISTA EDUCADORES DE INFÂNCIA

GUIÃO DE ENTREVISTA EDUCADORES

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data:

Hora:

Duração Aproximada:

Local:

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de Trabalho:

Curso:

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

2. Qual a importância da família na sociedade?

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

8. Quais as principais dificuldades dos profissionais de educação em relação às questões familiares?

9. Quais os aspetos que tem em atenção na forma como trabalha as questões familiares com as crianças? E porquê?

10. Na perspetiva educativa, que impacto têm estas mudanças?

11. No contexto onde trabalha, como caracteriza a relação da instituição e as famílias das crianças?

12. Que aspetos considera mais relevantes na relação educador/família?

ANEXO 3 – GUIÃO ENTREVISTA PROFESSOR PRIMÁRIO

GUIÃO DE QUESTÕES PROFESSOR

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data:

Hora:

Duração Aproximada:

Local:

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de Trabalho:

Curso:

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

2. Qual a importância da família na sociedade?

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

8. Quais as principais dificuldades dos profissionais de educação em relação às questões familiares?

9. Quais os aspetos que tem em atenção na forma como trabalha as questões familiares com as crianças? E porquê?

10. Na perspetiva educativa, que impacto têm estas mudanças?

11. No contexto onde trabalha, como caracteriza a relação da instituição e as famílias das crianças?

12. Que aspetos considera mais relevantes na relação professor/família?

ANEXO 4 – GUIÃO ENTREVISTA PAIS

GUIÃO DE ENTREVISTA PAIS

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data:

Hora:

Duração Aproximada:

Local:

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de Trabalho:

Curso:

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

2. Qual a importância da família na sociedade?

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

8. Quais as características do papel de uma mãe? E de um pai?

9. Que impacto têm as mudanças relativas à família, na sua vida?

10. Qual o fator que considera mais importante na relação educador/família?

11. No que diz respeito à educação dos seus filhos, de que forma lida com as novas questões familiares presentes na sociedade?

ANEXO 5 – GUIÃO ENTREVISTA PROFISSIONAL COACHING PARENTAL

GUIÃO DE ENTREVISTA COACHING PARENTAL

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data:

Hora:

Duração Aproximada:

Local:

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de Trabalho:

Curso:

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

2. Qual a importância da família na sociedade?

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

8. Quais são os novos desafios que as questões familiares levantam na sua prática profissional?

9. Que preocupações as mães/pais lhe trazem?

ANEXO 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA I

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA I

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 21/04/2016

Hora: 9h15m

Duração Aproximada: 30 min

Local: Colégio do Bom Sucesso

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome: I

Idade: 30 anos

Profissão: Educadora

Curso: Educação Básica

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

A família é a base da transmissão de valores, princípios, regras e é o grupo que insere as crianças na cultura e na sociedade. É indispensável ao desenvolvimento do ser humano.

2. Qual a importância da família na sociedade?

A importância da família é principalmente esta posição de inserir a criança na sociedade, é o meio que insere a criança na sociedade e num grupo específico. Cada grupo, cada família, assenta em diferentes valores e regras que sustentam toda a sociedade. A família, ao inserir a criança no seu próprio meio, insere-a na sociedade. Sendo a família a base da criança, é, automaticamente, a base da sociedade. É através destes pequenos grupos que a sociedade se desenvolve.

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

Sinto principalmente um grande desafio a nível dos vários tipos de família que existem hoje. O fato de existirem diversos tipos de famílias desafia bastante toda a sociedade e a prática do educador. Há cada vez mais uma dispersão entre as famílias, onde, hoje em dia, nada relativamente a questões familiares é homogéneo.

Outra questão que identifico com alguma curiosidade é que, os valores que os pais transmitem aos filhos, são cada vez mais distintos. Ou seja, de geração em geração, e até por vezes de ano para ano, assisto à transmissão de diferentes valores. Os valores que cada pai se preocupa em passar aos seus filhos são muito específicos e não sustentam uma linha condutora entre as gerações. Entre estas, não são valorizadas as mesmas questões e valores. Muitas situações que, quando comecei a trabalhar, achava que eram impensáveis e que hoje em dia são coisas muito "normais" e banais. Por exemplo, jamais há dez anos atrás os pais punham em causa a palavra de um professor, e hoje, acabam por ser pedidas satisfações por situações normalíssimas, invertendo um pouco esta perspetiva. Penso que este fato ocorre também pela corrente de mudança da cultura familiar que atualmente assistimos, pela falta de tempo, principalmente, tempo útil com as crianças. Sinto que é tudo realizado com muita pressa. No pouco tempo que têm as pessoas estão cansadas e aproveitam apenas para mimar

os filhos, esquecendo-se que mimar não significa dar tudo, nem fazer tudo o que as crianças querem, pondo de parte a educação necessária.

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

Acho principalmente que todas as mudanças surgem pela evolução da sociedade, uma evolução normal, uma evolução dos tempos. Uma evolução um pouco espectável. Antigamente as mães não trabalhavam, hoje praticamente todos os pais trabalham, e bastante. Trabalho apenas há nove anos, não é assim tanto tempo, é uma evolução curta, e mesmo assim sinto uma grande diferença, com um grande ritmo. Cada vez se trabalha mais, cada vez se tem menos tempo para tudo e menos paciência também, tudo isto se influência mutuamente.

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

Primeiro penso que aqui no colégio somos um bocadinho privilegiados. Temos muitas mães que não trabalham, temos muitos pais com tempo, é uma escola onde, comparando com maioria das escolas, tem pais com muito tempo. Há muitas mães que não trabalham, ou trabalham apenas em part-time e há muito apoio dos avós que ajudam muito também na questão da transmissão de valores que lhe falava à pouco.

Depois, acho que a escola tem um papel difícil e indispensável relativamente a estes assuntos familiares. Por um lado, acho que a escola tem de encarar muito o papel de mediador, tentar chamar os pais a atenção do que pensa ser importante e relevante para o bem-estar da criança. A escola tem hoje o papel de regulador de todas estas mudanças a que assistimos. Cada pai organiza-se muito em torno de si próprio, ou da sua família, decide tudo em volta de si mesmo e da sua vida e escola, pode e deve regular muito este comportamento, mostrando as mesmas questões num leque mais alargado, nomeadamente a sociedade, tentando comparar, um bocadinho, uns com os outros.

Por outro lado, acho muito importante uma medida que, por exemplo, foi aplicada cá no colégio. De forma a serem abordadas todas as questões de educação, família e sociedade, a associação de pais desenvolveu um projeto de formações para os pais das crianças de todo o colégio, com os mais diversos temas. Na minha opinião, as instituições devem esforçar-se por dar informações sobre os mais variados temas e não ter receio de "tocar" em certos e determinados assuntos acerca do estilo de vida. O próprio educador tem o papel, muitas vezes, de alertar certos e determinadas atitudes

dos pais, sem nunca entrar demais na "casa" de cada criança. É uma responsabilidade, mas que deve ser mediada e cuidada pelo educador.

No fundo, penso que a escola deve intervir nestas questões, mas sem intervir de mais, é preciso ter muito cuidado com isso. Não podemos tentar ensinar os pais como devem ou não agir, mas podemos sim, ajudar.

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

Acho que vai ser cada vez mais difícil para o educador este fato de não haver um fio condutor comum entre cada criança. O contexto de cada criança vai ser cada vez mais diferente entre o grupo pois há, cada vez mais, uma dispersão do estilo familiar adotado por cada um. Há de tudo hoje. Há famílias que continuam muito tradicionais e muito dedicadas à transmissão de valores e regras, como há famílias que não centram a educação dos seus filhos nesta transmissão e questionam muito todos os papeis dos profissionais de educação. Cada um tem a sua maneira de estar e isso vai ser cada vez mais difícil, em todos os contextos sociais, de gerir.

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

O principal desafio, de acordo com o que já referi, é esta tal diferença de contextos e educações. Cada vez os contextos familiares e educações são mais heterogéneos e a escola vai ter de aprender a saber gerir essas situações. É um desafio e uma dificuldade enorme que, num curto espaço de tempo, vai ter de ser muito bem pensado. Como é que num grupo, em que cada criança se desenvolve em contextos diferentes, que têm rumos diferentes, vamos encontrar e desenvolver uma prática comum? De que forma devemos trabalhar dias como o dia do pai e o dia da mãe? Ou mesmo o tema da família que é sempre muito abordado com as crianças desta faixa etária? Porque também não concordo que se passe a fazer um trabalho individualizado a este nível, as escolas desenvolvem-se em grupos e é esse o sentido do jardim de infância.

8. Quais as principais dificuldades dos profissionais de educação em relação às questões familiares?

Principalmente a forma de abordar e trabalhar os diferentes tipos de famílias. Há muitos tipos de família, sustentados por diferentes valores e isso obriga a que o educador não possa, de certa maneira, fazer tudo de forma homogénea. Cada criança é um caso específico, e isso deve e tem de ser respeitado, deve-se sempre tentar perceber o que, em cada família, é valorizado, mas a dificuldade é como gerir isto tudo em grupo.

9. Quais os aspetos que tem em atenção na forma como trabalha as questões familiares com as crianças? E porquê?

Mesmo com poucos casos no grupo tenho já algum cuidado ao trabalhar as questões familiares. Tenho alguns casos específicos que são trabalhados diretamente com a família, mas nunca os exponho em grupo. É preciso ter sempre muito cuidado. Mesmo assim, sinto-me na obrigação de seguir aquilo que, para mim, é o certo e o correto. No entanto, tenho em conta aquilo que para os pais é levado a cabo na sua maneira de estar.

Nos trabalhos relativos à família levo tudo com a maior da naturalidade, tenho em atenção por um lado, aquilo que é o "normal", o tradicional, que uso sempre como base de qualquer questão acerca da família. Tenho por base aquilo que é o "normal", mas esta situação surge também do grupo de criança com que estou a trabalhar. No grupo atual os contextos familiares seguem o modelo tradicional e, por isso, não são abordadas outras questões propositadamente. Caso surja a questão relativa ao o tema, irei, claro, explicar toda a situação, mas sem nunca perder como base a típica família "normal".

10. Na perspetiva educativa, que impacto têm estas mudanças?

Sinceramente acho que, aqui no colégio, somos um bocadinho uma ilha pois socialmente é um colégio "protegido". As crianças que o frequentam veem de ambientes familiares que, como qualquer um, com problemas claro, mas completamente diferentes de por exemplo, um bairro social, onde existem casos bem mais complicados. É protegido nesse sentido. A situação mais diferente que possa aparecer é sempre, no geral, dentro de um contexto social especifico. Sinto que isto está a mudar, e é cada vez mais heterogéneo, mas sempre dentro de uns parâmetros mais estáveis.

Acho mesmo que o desafio vai ser cada vez maior e mais difícil para o educador e, com isso, mais desafiante. Quanto mais difícil, mais desafiante. É preciso

um sistema de constante reflexão. Mais estratégias, mais reflexão sobre os temas. Devemos sobretudo relativizar todos os assuntos, não especificar muito. Não se deve ignorar, mas devemos sim relativizar caso haja confronto com um contexto particular.

11. No contexto onde trabalha, como caracteriza a relação da instituição e as famílias das crianças?

É um colégio que tem muita proximidade com as famílias, muito aberto às famílias, muito mesmo. De todos os sítios por onde passei, nunca vi um colégio como este no que diz respeito à abertura às famílias. É muito aberto, em todos os sentidos. Desde convidar as famílias a participar em atividades do dia a dia, como fazemos atividades especificas e próprias para envolver a família. Atividades das crianças para a família, como da família para as próprias crianças. Aqui envolvemos muito a família em tudo.

Esta relação estende-se também, muitas vezes, a nível informal. De manhã quando os pais trazem os filhos à escola é sempre um momento de contato com os pais, de conversas pequenas e mais informais que são essenciais. Esforçamo-nos por manter sempre o contato.

12. Que aspetos considera mais relevantes na relação educador/família?

A abertura e verdade. É preciso sempre muita abertura para poder falar e abordar todas as questões acerca da criança. É necessário mediar aquilo que é relevante ou não, mas no fundo ser o mais verdadeiro possível quanto à nossa própria prática e postura. Também muito, muito importante é ter sempre a criança como centro dessa relação. Não deixar dispersar o foco desta relação, valorizando a criança. Ou seja, tentar sempre que as conversas formais ou informais, valorizem as crianças, sempre. Tentar ver as coisas negativas como uma maneira de melhorar e não de apontar o dedo.

ANEXO 7 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA II

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA II

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 21/04/2016

Hora: 9h45

Duração Aproximada: 30 min

Local: Colégio do Bom Sucesso

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome: II

Idade: 46

Profissão: Educadora

Curso: Educação Básica

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

Relativamente à criança, a família é o mais importante pois é a partir da família que surgem todas as bases, tem um papel fundamental em todas coisas. Tem o papel socializador, é quem dá toda a segurança para o ser humano se desenvolver, é quem dá afeto, ou pelo menos quem deveria dar, e deve ser a partir da família que a criança se desenvolve.

2. Qual a importância da família na sociedade?

Sendo a família o meio onde a criança se desenvolve, é também a família que a insere na sociedade. É a partir da família que a criança se insere e se adapta ao mundo social. Se as famílias estão destruturadas, a sociedade também está destruturada. No fundo as famílias são pequenas sociedades que, se não se formarem bem, também não vão formar uma sociedade "boa". A família influência muito a sociedade.

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

As diferentes formas como a família é apresentada hoje na sociedade. Existem, é um fato, e temos que as valorizar nas coisas boas e nas coisas más. Não podemos disfarçar esta situação e sim aprender a viver com ela. Viver, na verdade, como são as famílias de hoje em dia. Não devemos cair na banalidade de aceitar que tudo é família, mas o que é certo é que, cada vez mais, nos aparecem crianças com famílias que surgem dum meio diferente e não as podemos julgar e devemos sim ajudá-las a inserir as crianças na sociedade.

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

É muito difícil identificar a origens destas mudanças. Eu acho que estamos numa fase de grande transição. É necessário perceber que, às vezes, as famílias aguentavam-se e não eram família, era apenas aparência, e que agora estamos num boom social relativamente ao outro lado. Mas tenho esperança que haja um equilíbrio.

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

Esta é uma questão sobre a qual refletimos muito aqui no colégio. Eu acho que nós temos que aceitar sempre qualquer criança. A criança não tem culpa nenhuma da família onde está inserida, mas as instituições não podem perder a sua identidade e os valores em que acreditam. Aceitamo-las, mas nem tudo o que vêm ao nosso encontro nós concordamos. Não se trata de restringir a nossa prática apenas à "normalidade familiar a que estamos habituados", mas arranjar estruturas para a criança se sentir bem. Os modelos têm de ser sempre os que nós, enquanto instituição, acreditamos.

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

A baralhação máxima, vai ser cada vez mais confuso. Não há verdade nas coisas, não há uma única verdade e vai acabar por ser mais fácil agarrar o imediato, do que ir ao fundo da questão e desenvolverem valores concretos e sólidos.

Já se vê muito hoje que as crianças não dão valor a nada, a valores concretos, que já vem estipulados nas famílias desde sempre, porque as famílias já não conseguem ser elas mesmas a transmiti-los. Falta coerência. Vai ser muito difícil crianças nascerem em famílias onde não há qualquer tipo de coerência. Tudo é muito fácil. Cada um vai para o seu lado, pais muito egoístas, e estes exemplos vão ser cada vez mais, e mais regulares. As tradições familiares também vão acabar por se perder, os pais têm outras obrigações e exigências e já não há muito a instituição dos avós, os próprios avós trabalham muito, e as tradições acabam por não serem passadas às crianças, deixa de haver uma linha condutora.

O futuro é cada vez mais imprevisível. Antes uma pessoa trabalhava, sabia como as coisas se iriam processar, era tudo mais previsível. Podia não ser tão aliciante e estimulante e inovador, mas era mais regrado e isso tudo traz imensa calma, era um fato bom para estruturar uma família. Os pais hoje não conseguem vir buscar os filhos, não há calma em nada.

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

Nós, enquanto instituições e profissionais, conseguirmos respeitar a família de cada criança. Até porque as crianças que aparecem não sabem, nem tem consciência

do meio em que vivem, e muitas vezes são rotuladas por crescerem em famílias destruturadas e por isso o grande desafio é nos conseguirmos equilibrar tudo isto, dando dignidade à criança.

O maior desafio é integrar toda esta evolução. Não criticando, não temos o direito de criticar, temos sim o direito de incluir as crianças e estar próximos delas. É preciso ver a realidade, assimilá-la e tentar integrar estas crianças o melhor possível, mantendo os valores da instituição e integrá-los também nesta evolução. Não apontar o dedo, integrar a criança, mas fazer ver a família quais são os valores da instituição. Não se deve camuflar os valores da instituição nunca, devemos manter-nos sempre certos e fieis aos nossos valores. Não é fácil, mas é um desafio. Não podemos também continuar a exigir da família aquilo que ela não nos pode dar, temos de ser cada vez mais flexíveis, ir acompanhando a evolução sem também deixar-nos de ser críticos.

8. Quais as principais dificuldades dos profissionais de educação em relação às questões familiares?

Na minha opinião os desafios já referidos, relativos às instituições, são também os desafios dos educadores. Eu estou numa instituição privilegiada nesse sentido, temos muito a parte humana. Nós, entre profissionais, falamos muito uns com os outros, refletimos e discutimos sobre estes temas. Acaba muito por, aquilo que é institucional, é também pessoal e vice versa. Tona-se mais fácil depois de analisar estes temas.

Outros casos que existem, e eu já estive nessa posição, são educadoras que não concordam com a postura da instituição, e por isso é mais difícil e desafiador pois estão a fazer uma coisa com a qual não concordam.

9. Quais os aspetos que tem em atenção na forma como trabalha as questões familiares com as crianças? E porquê?

Este ano, como o grupo é muito homogéneo e não há propriamente "casos especiais" as questões da família tem sido um assunto muito natural e com bastante calma.

Tenho sempre, desde que comecei a trabalhar, muito cuidado em relação à morte. É algo comum, que acontece em alguma família praticamente em todos os grupos com que já trabalhei, e sinto que para os pais, mesmo hoje em dia, é um tema que os aflige. Tento sempre fazer, quando ocorre um caso desses, e uma vez que o colégio é um colégio católico, a ponte da morte de Jesus com a morte dos avós ou como for o

caso. A experiência vai nos ajudando muito neste sentido, cada vez mais nos sentimos preparadas para desmistificar às crianças certos temas, mas é sempre um desafio.

10. Na perspetiva educativa, que impacto têm estas mudanças?

Provocam bastantes mudanças. Está tudo em constante mudança, é preciso, cada vez mais, ter atenção a tudo. A cada família, da forma como lidar com as mesmas, a forma de trabalhar os temas. Tudo isto exige das instituições e por isso da educação uma prática reflexiva muito grande e intensa.

11. No contexto onde trabalha, como caracteriza a relação da instituição e as famílias das crianças?

Aqui no colégio a infantil tem uma relação muito próxima com os pais. Tem coisas muito boas com as famílias, que, muitas vezes, para quem entra novo no colégio é um bocadinho desestabilizador, às vezes parece que estamos a destabilizar. Os pais aqui podem entrar no colégio e nas nossas salas a qualquer hora, durante todos os dias. Para nós educadoras isso é um desafio, perceber que a todo o momento podem entrar pais. E os pais entram, e isso para mim é ótimo. É muito bom ter os pais muito envolvidos em toda a prática do colégio. Por vezes, a dificuldade é mais estipular limites aos pais, em prol das crianças.

12. Que aspetos considera mais relevantes na relação educador/família?

A verdade e confiança mutua acima de tudo. A verdade no sentido de nós transmitirmos tudo o que está aqui, porque na verdade as famílias confiam-nos a melhor coisa que têm. A nossa responsabilidade é muito grande. Dizer exatamente aquilo que é mau, aquilo que é bom, termos sensibilidade na transmissão de certos assuntos, mais frágeis, que nos custam transmitir e que, aos pais, custa a ouvir, mas que têm de ser transmitidos para bem da criança.

ANEXO 8 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA III

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA III

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 19/05/2016

Hora: 16:00

Duração Aproximada: 30 min

Local: Largo da Princesa, Lisboa

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome completo: III

Idade: 44 anos

Profissão: Professor Primário

Curso: Curso de Professores de Ensino Básico (2.º Ciclo) variante de Matemática e Ciências da Natureza

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

Uma boa educação dentro de uma família garante uma base mais sólida e segura no contato com as adversidades que o ser encontra durante a sua vida.

2. Qual a importância da família na sociedade?

A influência exercida pela família determina o estilo de uma sociedade. À medida que o tempo passa, as transformações dão-se cada vez mais rápido nas nossas vidas. A maneira de como vemos a família também se está transformando. Hoje em dia, na minha opinião, dá-se mais importância ao cidadão do que à família.

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

Na minha opinião, os alicerces da família são os pais, mas quando estes não sabem exercer as suas funções como patriarcas, então a família torna-se frágil. Atualmente, cada vez mais as crianças são largadas em casa na companhia de consolas, televisões e computadores e os valores morais ficam à responsabilidade da escola e dos professores.

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

Muitas das mudanças que assistimos no conceito de família tem origem nas exigências/pressões que a sociedade hoje em dia exerce sobre os pais. Nos tempos de hoje, os pais mal têm tempo para estarem com os seus filhos e poderem dar uma educação adequada.

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

Não podemos permitir que a influência da família na sociedade seja desvalorizada. A escola deve ter como objetivo principal a transmissão conhecimento e não de educar, dar limites ou moralidade. Contudo, hoje em dia, a escola também tem o papel

de educar, devido à atual visão dos pais, onde a escola não passa de um local onde largam os seus filhos para poderem trabalhar. A escola deve fazer tudo para começar a mudar a mentalidade que os pais têm da função da escola.

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

As consequências das mudanças familiares atuais é produzirem seres com deficiências na sua educação, e depois a escola tem que juntar também esse papel de educação, para além do papel de ensino.

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

A escola é uma instituição com papel essencial na sociedade. A escola é responsável pela promoção do desenvolvimento do cidadão, no sentido pleno da palavra. O professor tem que entender como estas mudanças afetam a escola e modificam o seu papel na sala de aula.

8. Quais as principais dificuldades dos profissionais de educação em relação às questões familiares?

A principal dificuldade é fazer ver aos pais que o papel de educar começa em casa e a escola não deve substituir a função da família.

9. Quais os aspetos que tem em atenção na forma como trabalha as questões familiares com as crianças? E porquê?

Algumas atividades que peço aos alunos para realizarem pedem a colaboração das famílias. Estas atividades têm como objetivo obrigar os pais a estarem algum tempo com os seus filhos e mostrarem interesse naquilo que eles fazem nas aulas.

10. Na perspetiva educativa, que impacto têm estas mudanças?

O impacto destas mudanças é que as escolas estão a transformar-se em armazéns de alunos, em que os alunos têm aulas e atividades o dia inteiro. As políticas governamentais têm vindo a cultivar essa ideia nas pessoas.

11. No contexto onde trabalha, como caracteriza a relação da instituição e as famílias das crianças?

Na escola onde trabalho, penso que a relação escola/família é boa. A escola sempre teve o cuidado de envolver toda a comunidade educativa na preparação e desenvolvimento de algumas atividades. Nós contamos sempre com a presença de pais e familiares quando realizamos atividades dentro do concelho.

Os professores também mostram sempre disponibilidade em receber os pais quando estes solicitam e por sua vez os pais também mostram disponibilidade em participar quando a escola solícita a sua participação.

12. Que aspetos considera mais relevantes na relação professor/família?

A relação professor/família não deve enveredar por um caminho de culpabilização e deverá enveredar por um caminho de responsabilização compartilhada. O professor deve fazer ver à família, que a sua participação é necessária para o sucesso escolar dos seus filhos.

ANEXO 9 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA IV

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA IV

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 15/04/2016

Hora: 9h15m

Duração Aproximada: 1h

Local: Casa do entrevistado

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome: IV

Idade: 52 anos

Profissão: não exerce atualmente

Curso: Decoradora de Interiores; História de Mobiliário e Restauro; Multimédia;

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

A estabilidade, a educação, todo o conhecimento de grupo. Eu acho que a criança é o principal papel da família. A criança nasce na família e deve crescer em família, e saber dar muito valor à família. Acho que isso é importantíssimo para a criança, para ter valores para a sua vida, e saber pôr um dia, a sua família à frente de tudo, no sentido até de interajuda, de ser a sua base, ser o seu pilar. Quando uma criança perde a família, há um desarrumar da cabeça da criança, que gera várias complicações graves.

Acho que a família tem um papel estabilizador, orientador, de desenvolvimento em milhares de capacidades. A família tem de ser um complemento muito importante à escola, mas não pode substituir a escola. Ou seja, a escola tem o papel de ensino, moderador em grupo, tem o papel do grupo, de saber ensinar como é que as crianças se devem portar em grupo, etc. embora considere que, na família, esse papel já deveria ir encaminhado pelos irmãos, pelos primos, etc. as crianças já se devem saber portar quando chegam à escola.

2. Qual a importância da família na sociedade?

Acho que a família é importantíssima para a sociedade. Quando vamos com uma base familiar muito boa e muito estável, automaticamente sabemos instalar-nos na sociedade e sabemos como é que nos comportamos na sociedade. Ou seja, se souber estar em casa, se souber estar com a sua família, se chegar a um jantar de família, um Natal uma Páscoa, aos anos dos primos e dos tios, etc. e souber estar, se souber qual é o seu papel, também sabe noutros grupos.

Vou lhe dar um exemplo, eu nasci numa família muito grande, tinha uma quinta onde estávamos, muitas vezes, cerca de oitenta pessoas, e cada um de nós tinha o seu espaço e o seu lugar, e sabíamos que não podíamos passar dali. A nossa mesa não era igual à dos adultos, eramos muito felizes, e acho que essa felicidade nos cria uma base de estabilidade e de transmissão para o próximo que não é igual a uma criança que está sozinha. Eu acho muito que os resultados escolares também dependem muito disso, das conversas que se têm ao jantar, etc. Eu tomo o pequeno almoço e janto todos os dias com os meus filhos, nós

pais e filhos, os quatro juntos, sempre nestas refeições. Estamos à conversa e cada um partilha um bocadinho o seu dia, ou o livro que está a ler. Eu aprendo imenso,

e eles aprendem também. Acho que esta partilha lhes desenvolve imensas capacidades, que depois são aplicadas na escola. Tudo isto, na sociedade cria-lhes conversa e temas diferentes. É muito mais interessante uma pessoa que fala de vários assuntos do que uma pessoa que só consegue abordar um único assunto, do seu mundo. Para além de que estes convívios familiares ajudam a gerir conflitos e muitas outras coisas.

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

São vários. Principalmente o trabalho, os horários totais e absurdos, automaticamente complicam toda a gestão familiar que já referi anteriormente. Estarmos todos juntos ao mesmo tempo é um esforço muito grande por parte de quem trabalha. Mas acho que compensa. Conseguir ter uma vida em grupo, porque no fundo a família é um grupo como outro qualquer, sem ser prejudicada pelo trabalho é difícil. Cá em casa, não há conversa de trabalho em casa, o trabalho ficou lá, aqui é outra questão, e acho que esta separação é fundamental.

A sociedade interfere bastante na família, os miúdos estão inseridos nela e, portanto, vão também adquirindo novas capacidades, que trazem para casa e que nós pais temos que saber gerir e orientar. Na adolescência, há milhares de novos desafios que as crianças enfrentam e que nós temos de os orientar. Eu acho que o ideal é que tudo o que é familiar e educacional deve se passar o mais possível em casa. A inserção da família na sociedade tem que ser regulada enquanto dura o crescimento, depois quando o crescimento acaba, quando consideramos que eles são autónomos, então eles fazem da vida aquilo que eles quiserem.

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

Eu vivi o 25 de Abril e, portanto, lembro-me bem dos pais viverem numa calma absoluta. Havia uma calma familiar, o homem trabalhava, a mulher ficava em casa e havia toda uma serenidade, imensa ajuda de empregadas e tudo isso dava uma estabilidade familiar muito grande.

Depois do 25 de Abril, que foi já a fase dos meus filhos mais velhos, eu já trabalhava, e o meu marido também, e, portanto, tínhamos os dois uma vida mais agitada, embora eu tivesse horários fixos, em que as cinco e meia estava a buscar os meus filhos independentemente do que houvesse no escritório. E na altura isso era me permitido, havia sempre horários certos, as pessoas não precisavam de ficar para além

disso. O meu marido trabalhou sempre até tarde, isso foi uma constante a vida toda e nessa altura ainda não havia mulheres a trabalhar até tarde, não existia. E não estou a falar de há muitos anos, estou a falar há trinta anos atrás.

Entretanto, quando tive os meus filhos mais novos, já toda a gente trabalhava imenso, portanto o ritmo era completamente diferente. Na altura, como, entretanto, tirei o curso de multimédia, trabalhava numa empresa grande e chegava a sair às onze da noite. Muitos dias trabalhava até muito tarde, porque o trabalho assim o exigia. Era assim a vida naquela empresa, não havia horários. Mais tarde, tive a possibilidade, logo depois de ter os meus filhos mais novos, de deixar de trabalhar e vir para casa acompanhá-los. Mas se não tivesse tido esta oportunidade, teria de ter adaptado a minha vida a isso. É complicado, eu acho que quando um pai e uma mãe trabalham muito, tem que haver toda uma organização. Ou há avós, que eu acho que têm um papel, hoje em dia, fundamental, ou há uma babysitter que substitui os pais, mas estes têm de estar conscientes de que os filhos estão a ser educados pela babysitter. Ou seja, os valores da babysitter vão lhes ser transmitidos, os valores de quem fique com eles, sejam quem for. Os miúdos são uma esponja, absorvem tudo.

Considero, portanto, que a grande diferença da sociedade é a pouca presença da família na vida das crianças. Eu não acho isso totalmente grave quando a presença é muito boa, é de qualidade. Ou seja, eu considero que é melhor um quarto de hora de pais com muita qualidade do que, um dia inteiro com pais com muito pouca qualidade. Eu própria não estou imenso com os meus filhos, ao contrário do que se possa pensar, mas esforço-me por lhes transmitir muita coisa. Tenho muitas conversas sérias com eles, mas não estou muito com eles. São muito autónomos.

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

Acho, principalmente, que a escola não deve resolver a família. Acho que a família deve orientar-se por ela própria e deve ter o seu papel independente do papel da escola.

A escola tem que acompanhar bastante a evolução da família nos tempos, a escola deve ser elástica para se estender aos trabalhos de casa, e ter uma mais valia qualquer em relação ao que a sociedade desenvolveu, de forma a poder acompanhar os miúdos para além do tempo escolar. Não quero com isto dizer, que deve substituir os pais. Ou seja, a escolas também não devem ficar noite fora, as crianças têm um tempo certo para estar na escola. É importante um equilibro entre os tempos escolares e familiares. Depois das seis ou das sete da tarde as crianças já precisam de ir para casa, já precisam do seu espaço, doutro ambiente, outra calma. É muito

importante para as crianças ter outro tipo de atividades, conhecer outras pessoas, outros contextos.

Noto muito que hoje em dia à toda uma facilidade que na altura dos meus primeiros filhos não existia. Não havia carrinhas para as crianças, não havia a menor organização para a família, esta dependia exclusivamente dos seus membros. Hoje em dia existem milhares de meios que a pessoa pode utilizar. Uma vez que se trabalha tanto, também se pode, se calhar, utilizar os meios que se têm e o poder financeiro, para dar aos filhos outras vantagens, tem que haver uma compensação.

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

A principal consequência é a falta de civismo. Assistimos hoje, mais que nunca, a uma falta de civismo horrível. Acho que as pessoas estão a deixar de ser civilizadas e educadas, porque não há tempo para educar. Não há tempo para dizer "não deite o papel para o chão", coisas tão simples como estas, as crianças veem de tudo na televisão, veem tudo o que querem e ainda lhes sobra tempo, não há regras muitas vezes e acho que isto vai evoluir mal, num mau caminho, em alguns aspetos, não em todos.

A nível da independência da mulher, acho que foi, e é, uma evolução ótima, era muito injusto que fossem só uns a trabalhar. Mesmo assim, não se deve perder nunca um equilíbrio. Hoje em dia, se reparar, há muitas mulheres que durante o período de gravidez vão para casa mais cedo, tem de ficar em repouso muito tempo antes do suposto. Saem mais cedo dos trabalhos e isso tem tudo a ver com stresses. Hoje em dia assistimos a uma data de processos que se desencadeiam um bocadinho pelo stress do trabalho e do dia a dia, pelo estado que as coisas estão.

A vida a nível do civismo e educacional, está em decadência, está gravemente prejudicada por não haver vida em família, porque as pessoas não têm tempo de educar. Chegam a casa estafadas e educar exige das pessoas um esforço adicional muito grande. Ou as pessoas estão predispostas a isso, e deveriam estar, é também para isso que temos filhos, para os preparar a eles tal como nós também fomos preparados, mas há pessoas que não conseguem, é demais. E, portanto, há uma geração complicada a caminho, que vai ter pela frente muitos desafios.

Antigamente também se trabalhava muito, não quero dizer que acho isso bem, mas havia sempre tempo para educar. E hoje em dia, acho que existe um bocadinho o deixar fazer tudo, o "não vou gastar o pouco tempo que tenho com eles para discussões". Os pais consideram o tempo de educação é um tempo de prejuízo para as crianças, quando é precisamente o contrário. Os miúdos precisam de ter tabelas e metas, precisam de ser educados, para serem felizes. Se não forem educados, se não

forem contrariados, mais tarde não vão saber estar, e isso vai ser muito complicado para a vida profissional deles. Eu já tenho dois filhos a trabalhar, que me agradecem hoje em dia o caminho duro que tiveram. Eles percorreram um caminho complicado connosco pais, também numa fase de crescimento, onde os dois trabalhávamos, onde todos tinham de ajudar. A criança na família tem de ajudar, tem de fazer coisas em prol da mesma.

Tudo isto que referi considero que é prejudicial para a sociedade e para as crianças. Elas têm de saber viver em sociedade e se isso não for ensinado em pequenos, não vão saber. Outra coisa muito importante, é que os miúdos têm de ser felizes e estáveis, para saberem ser adultos felizes e estáveis. Se o adulto tiver uma infância feliz e estável, consegue gerir problemas futuros. Se o adulto vier com muitas lacunas de base, vai ser um adulto com muitos "antidepressivos", um adulto muito complicado, eu vejo as coisas assim.

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

Uma disciplina que eu acho que é muito importante, que, se os pais não têm tempo para educar tanto como tinham, então há uma disciplina que existiu quando os pais não tinham o papel tão educador tão presente, era a disciplina de civismo, havia a disciplina de formação cívica nas escolas. As crianças deviam ter educação cívica na sua totalidade, com situações concretas, porque é assim mesmo que a vida se passa. Analisar questões específicas.

O principal desafio das escolas é o civismo e não tanto a educação. A educação acho que continua a ser um papel dos pais. Os pais têm de educar, sem duvida alguma e essa tarefa não tem de passar nunca para a escola ou para o professor. A escola é o primeiro grupo exterior à família, e o seu foco deve ser o civismo que é comum a todos.

As instituições devem continuar a ter certas e determinadas ajudas, como os psicólogos, que ajudem nos conflitos com os pais. Todas estas mudanças geram muitos conflitos, geram instabilidade, as pessoas aceitam muito menos qualquer problema do próximo, e isso é cada vez mais notável. As próprias questões familiares são um desafio para a escolas. A escola deve ter em atenção a base que cada criança tem da família. Acho que as famílias devem ter a cabeça de inserir as suas crianças em escolas adaptadas à sua própria maneira de estar no mundo e na família, à sua própria educação. É muito violento, por exemplo, que uma criança que vem

de uma educação muito liberal em casa, esteja inserida numa escola muito fechada. Não é muito adequado.

8. Quais as características do papel de uma mãe? E de um pai?

Acho, e achei sempre, que uma mãe deve ter um papel educador no dia a dia, deve ter um papel protetor e deve dar a liberdade, mas também ter a responsabilidade de os incentivar a serem autónomos para brincarem. A mãe deve ensinar-lhes a brincar, deve ensinar a saber estar sozinhos, a serem autossuficientes no seu dia a dia, a saberem estar bem com eles próprios. Eu acho que essa segurança é essencial, e deve esforçar-se por lhes dar uma infância feliz. Isso é meio caminho para a vida deles.

Um pai, tem um papel menos invasivo, ou seja, o pai intervém menos no dia a dia, porque muitas vezes está menos presente. Hoje em dia já não é tanto assim, mas antigamente era. O pai tinha um bocadinho a voz mais forte, quando o pai falava, a situação já era grave. Havia um bocado esse papel. Hoje em dia, penso que há casos que esse papel está invertido. Acho que o pai tem um papel muito parecido, hoje em dia, com o da mãe. Vejo por mim, o meu marido era um pai muito distante dos meus primeiros filhos, e hoje em dia está em tudo, tem um papel igual ao meu, se é que é possível dizer isso. Acompanha-os imenso, é super amigo e companheiro deles, até acho que o papel de autoridade sou mais eu que o tenho.

9. Que impacto têm as mudanças relativas à família, na sua vida?

Têm sempre impacto. Eu própria, como mulher e mãe tive que evoluir bastante dos primeiros filhos para os segundos, são muitos anos de diferença. A vida era diferente a todos os níveis.

Nos primeiros filhos, há 30 anos, não era muito usual os amigos irem a casa uns dos outros, havia muito este convívio próximo com os primos e assim, não tanto com os amigos. Outra questão, houve um grande ajuste a nível de trabalho. Ao contrário da sociedade, eu inicialmente trabalhava e, nos segundo filhos, já não. Acho que hoje em dia as crianças assistem muito mais a mais separações, a crianças mais instáveis, noto muito que há muito mais permissividade na educação. Preocupo-me não só em não acompanhar isso, como em fazer ver os meus filhos que se eu lhes exijo algo, e se eles têm metas para atingir, que isso vai ser bom para eles. O fato de serem diferentes daquilo a que assistem, o fato de terem uma educação estipulada pode não ser mau.

Outro problema que considero grave hoje em dia, é o fato de os miúdos terem tudo feito, tudo construído. Exijo muito aos meus filhos que construam coisas, os seus próprios jogos, brincadeiras, etc. estimulo muito a criatividade, não concordo nada que tenham as coisas já feitas e prontas a usar. É tudo um produto da sociedade. E na escola é muito importante fazerem as coisas, a escola não lhes deve apresentar tudo feito. Sempre que possível devem participar em todos os processos.

10. Qual o fator que considera mais importante na relação educador/família?

A comunicação. Comunicação da parte da mãe, alerta da parte do professor para os pais, não resolução, mas sim alerta. Qualquer situação que surja, por algum motivo, que chame a atenção, os pais devem ser alertados e devem ser os pais a resolver sempre, na medida do possível. Mas principalmente a comunicação é muito importante. Deve haver um trabalho de conjunto, se não houver um trabalho de conjunto é muito difícil haver sucesso. Tem que haver uma colaboração constante, uma ponte de comunicação.

11. No que diz respeito à educação dos seus filhos, de que forma lida com as novas questões familiares presentes na sociedade?

Esforço-me por falar com os meus filhos sobre tudo. Sobre qualquer questão. Porque existem novas estruturas familiares, etc. Explico muito bem a minha opinião e deixo-os escolher a deles.

Um casal deve complementar-se, é como um puzzle. E como um puzzle que encaixa, tem que haver peças que encaixem. Se as peças não encaixem, o puzzle não fica completo e desarma-se. É desta forma que lhes explico muitas vezes as realidades familiares a que assistimos. Tento muito arranjar maneiras para lhes explicar as questões que nos apresentam, tentando ao máximo simplificar. A questão dos divórcios foi algo que sempre estranham e questionam e que lhe explicamos sempre que é algo normal, que não é por isso que os membros da família serão infelizes.

Espero, quase sempre, que as questões surjam com o seu desenvolvimento natural. Como sei que tenho uma relação muito aberta com os meus filhos, que se sentem à vontade para me perguntar o que seja, só quando os próprios abordam as questões é que desenvolvo o tema. Porque no fundo tudo tem um decorrer normal, e cada questão faz sentido num determinado momento.

Tem que se ter imensa abertura, acho que os diversos tipos de inteligência dos miúdos têm que ser desenvolvidos todos. As crianças podem até ser, mais ou menos inteligentes, mas acho que lhes devemos puxar pela parte onde têm mais dificuldade. Deve-se ter total abertura para todos as questões, na minha opinião, e sempre tive esta preocupação. O casal deve ter a sua privacidade em casa, e deve distanciar o pai e a mãe e eles próprios. O pai e a mãe têm de ter privacidade e autoridade e o resto tem de ser em comunhão de todos.

ANEXO 10 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA V

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA V

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 26/04/2016

Hora:12h00

Duração Aproximada: 30min

Local: EDP – local de trabalho do entrevistado

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome: V

Idade: 52 anos

Profissão: Diretor de Desenvolvimento de Negócios

Curso: Engenheiro Informático

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

Considero o de formação. A família é a base da pessoa em si, da sua educação e a responsável pela transmissão de valores. Ao contrário de outros pais, não considero que é a escola que educa e que nós (família) somos complementares. Mas sim que quem educa somos nós e a escola é que é complementar a esta educação.

2. Qual a importância da família na sociedade?

É muito importante. A família é o último reduto, é incondicional. A família é o núcleo da sociedade. Se reparar, desde os tempos imemoriais que a sociedade é constituída por famílias. As famílias vão-se agrupando até haver referências comuns, que podem criar as regiões, os países, porque há uma matriz semelhante.

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

Acho que hoje em dia as pessoas têm menos tempo e menos paciência para as contrariedades e, portanto, mais depressa explodem e quebram em vez de tentarem apaziguar o assunto. É muito isso que se sente. É desta forma que se pode explicar o nível de separações, de novas famílias ou de novos modelos que não existiam há uns tempos atrás. Antes aguentavam-se as coisas, e por diversos motivos, mas aguentavam-se as coisas de maneiras diferentes. Havia inclusive motivos até por questões financeiras…a mulher do núcleo familiar não trabalhava fora de casa e por isso tinha uma dependência financeira que, por muito que quisesse, não conseguia sair da esfera familiar. Eu acho que devem ambos trabalhar para poderem ter opções e fazer as suas próprias escolhas.

Outra questão é que no meu tempo já era um tempo de transição, mas no tempo dos meus pais não era como hoje em dia. Hoje em dia quando casam, casam para tentar manter o nível de vida que têm em casa dos pais, no meu tempo nós baixávamos um bocadinho, mas no tempo dos meus pais eles baixavam fortemente o nível de vida quando casavam, mas tinham um projeto de vida comum. A minha mãe ou o meu pai quando saíram de casa e se juntaram, apesar e terem ordenados e bons rendimentos, em termos médios, foi uma fase em que se baixa o estilo de vida significativamente. Hoje em dia não, se não houver carro, se não houver casa, se não houver isto ou aqui-

lo, não se saem de casa. É por isso que há pessoas que casam apenas na casa dos trinta anos. Para mim isto é um erro porque depois acabam por ser avós e não pais.

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

O individualismo. Claramente o individualismo. Eu acho que o individualismo não é errado, acho que o individualismo é errado quando é demasiado. Ás vezes é preciso pensarmos bem no "eu", mas não é só no "eu". E hoje há muita gente que pensa só no "eu".

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

Eu acho que as instituições têm a sua própria forma de abordar as questões familiares e que nós (família), quando escolhemos as escolas para os filhos, devemos escolher escolas onde eles encontram algo semelhante do que têm em casa. Tem muito a ver com os modelos educativos e escolares que nós gostamos que os nossos filhos tenham, é por aí que se escolhe as escolas. Devemos escolher as escolas consoante o que queremos para os nossos filhos.

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

A diminuição da população. Num dia destes temos um envelhecimento da europa, e hoje em dia já o sentimos claramente. O norte da europa está a fazer um esforço para isso, mas como são países que têm uma capacidade e assistência social muito fortes, conseguem montar modelos diferentes, nomeadamente, apoios à maternidade e de apoio aos pais. Mas no sul da europa é mais complicado, porque ainda há outras necessidades básicas que não estão satisfeitas e, portanto, é necessário fazê-las.

Considero é que as pessoas, hoje em dia, pensam muitas vezes antes de ter filhos, e muitas vezes dá para o egoísmo, e há muitos casais sem filhos. Posso-lhe dizer que, quando comecei a minha vida profissional, com vinte poucos anos, como é normal, comecei a trabalhar numa multinacional, fazia-me muita confusão haver casais que, por opção, não tinham filhos. Fazia-me muita confusão porque do meio familiar de onde venho isso não era tema. Acho que uma vida sem filhos é uma vida vazia. Chegar ao fim da vida e questionar o que se construiu e só ter apenas trabalhado e, muitas vezes, apenas por questões de sobrevivência, é um bocadinho complicado.

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

As escolas têm de ganhar alguma abertura e tentar perceber os modelos existentes. Não acho que se tenham que adaptar aos modelos que hoje existem, tem que haver um consenso e um principio básico de entendimento.

Agora, acho que as escolas, hoje em dia, têm um papel muito complicado. Inclusive, cada ministro da educação que chega muda as coisas. Temos países mais desenvolvidos em que existem pactos para a educação, como para a saúde ou justiça, e que duram vinte anos os mesmos manuais, e aqui, os manuais mudam ao sabor do vento. Claramente que quando acontece isto, é muito complicado para as escolas conseguirem adaptar-se aos assuntos. Vivi as escolas de outros tempos e acho mesmo que a qualificação que existe hoje em dia está má, nunca houve tanta gente qualificada com tantos problemas, por isso algo está mal na escola. Eu próprio vejo a ignorância dos alunos hoje em dia em relação ao que era no meu tempo. Mesmo assim, não considero que seja totalmente das escolas só, considero que é das escolas também. Mas as políticas ministeriais são uma desgraça.

8. Quais as características do papel de uma mãe? E de um pai?

A mãe é mais maternal, mais mimo, mais o sentido mamífero da vida. O pai hoje em dia é muito diferente do que era, mas o pai acho que é muito, a certa altura, uma referência e um modelo de vida até uma certa altura, e a seguir, é apenas um aconselhador e mais tarde ainda, um companheiro. Mas isto tem vindo a evoluir. Acho que o papel central, e admiro as mulheres por isso, é ainda da mãe. As mães têm dois empregos quando trabalham fora de casa também. Tem um emprego fora e tem um emprego dentro. Claramente quando um filho tem preocupações vira-se muito mais para a mãe.

Posso dizer-lhe que vivi com os meus filhos após a minha separação e que só mais tarde adotamos o modelo "normal" e foram viver com a mãe deles. Mas quando a minha filha foi para fora estudar, o meu filho voltou para minha casa, onde havia mais pessoas, pois eu já estava recasado e a minha atual mulher tinha filhos que viviam connosco. Conhecem-se bem e vivemos como uma verdadeira família. Como pode imaginar existem modelos de referência e relação diversificados que é preciso montar. Os miúdos não têm culpa das asneiras dos pais, não pediram para vir ao mundo e são a nossa principal responsabilidade enquanto adultos.

9. Que impacto têm as mudanças relativas à família, na sua vida?

Claro que tiveram impacto. Eu tinha modelos de vida diferentes do que tem um casal normal. Só o modelo do fim de semana sim, fim de semana não, ainda por cima mais tarde ou tínhamos quatro filhos ou não tínhamos nenhum, pode imaginar o impacto que tinha. Nos montávamos os nossos modelos de vida nos fins de semana com zero filhos e nos fins de semanas com quatro filhos eram os modelos de vida dos miúdos. Tudo se faz.

10. Qual o fator que considera mais importante na relação educador/família?

Deve ser uma relação próxima, deve haver um modelo de abertura da escola e dos educadores para receberem os pais quando é necessário, independentemente do horário. Sabemos que há pais que, se não têm horário estão lá todos os dias, mas quando existem assuntos mais graves tem que se comunicar bastante.

11. No que diz respeito à educação dos seus filhos, de que forma lida com as novas questões familiares presentes na sociedade?

Hoje em dia tenho um modelo diferente porque eu respondo muito a eles (filhos). Houve já a fase da educação, a fase do exemplo, a fase do modelo, mas a partir de certa altura, inverteu-se o papel, dei-lhes a autonomia e disse-lhes que havia responsabilidades, deveres e direitos, e dei-lhes o papel da iniciativa. Portanto, hoje em dia, quando eles precisam de mim vêm cá, e temos uma ótima relação. Estes temas são já abordados num nível de quase "adulto" numa conversa normal entre pais e filhos. Eles já têm a formação suficiente para perceber o que é necessário na sociedade.

ANEXO 11 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA VI

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA VI

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião do entrevistado acerca de:

- O papel da família na sociedade.
- A forma como a mudança da realidade familiar afeta a sociedade.
- Quais os novos desafios da prática educativa.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 26/04/2016

Hora: 16h30

Duração Aproximada: 30 min.

Local: Café Quinta do Alto, Caxias

DADOS DO ENTREVISTADA/O:

Nome: VI

Idade: 45 anos

Profissão: Psicóloga e Coach Parental

Curso: Psicologia

Os participantes são informados de que não existem respostas certas nem erradas, sendo nosso objetivo conhecer estritamente a opinião pessoal do entrevistado. O presente estudo não pretende abranger uma amostra representativa da população, mas somente caracterizar a perspetiva dos entrevistados.

1. Qual considera ser o papel fundamental da família no desenvolvimento do ser humano?

É no seio da família que, em primeiro lugar, a criança quando nasce é acolhida, é amada. Acho que é no dia a dia que a família passa os valores, que a criança vai podendo experimentar as várias situações, os vários desafios. No fundo, é no dia a dia da família, que a criança vai fazendo todas as aprendizagens. Acho sempre que a família é um contexto protegido para a criança ensaiar o que depois tem de enfrentar e confrontar lá fora no mundo real, no sentido dos outros que não conhece, das regras, da escola, da creche, jardim de infância, por aí fora.

Portanto, aquilo que era ideal, ou que eu imaginava como ideal, era que a família fosse um porto de abrigo onde a criança pode, por um lado, fazer as suas aprendizagens, e onde, por outro, pode sempre retornar para aliviar os seus stresses, as suas angustias, as suas dúvidas.

2. Qual a importância da família na sociedade?

Acho que por um lado isto que disse anteriormente é válido se eu pensar para a sociedade. A família é quase como uma zona micro protegida onde a criança pode ser desenvolvida. É desta originalidade e desta diversidade de famílias que depois as famílias dão o contributo variado e original para que tenhamos uma sociedade diversificada.

3. Que desafios, na sua opinião, enfrenta hoje a família?

Milhões. O primeiro, que eu acho importantíssimo, é a questão da forma como se vive hoje em dia. Acho que a parte boa de vivermos hoje, no séc. XXI, é de termos imenso acesso à informação. Por outro lado, isso muitas vezes, faz com que as famílias se sintam pouco autoconfiantes e que, de repente, já não saibam se estão a tomar as decisões certas ou erradas.

Há uma perca de identidade na família de hoje, de um norte. Eu costumo muito dizer que no meu trabalho eu ambiciono apoiar os pais e as mães a voltarem a terem o protagonismo e a porem se na estrada que um dia resolveram trilhar enquanto pais. Acho que a questão incontornável de vivermos de facto no séc. XXI e haver imensas solicitações e estimulações faz um bocadinho com que, os pais e as mães, andem

sempre a mil e, consequentemente, os filhos porque vivem nesse contexto acelerado.

Acho que a questão da gestão do tempo é mais um desafio. Esta pressão, ou esta ilusão de que, de repente, temos que conseguir fazer tudo, com igual qualidade e ao mesmo tempo.

Também esta ideia de que, nas últimas décadas, a criança passou a ser posta no centro e que tudo tem de ser feito em prol do bem-estar, do desenvolvimento, e felicidade da criança, os pais acabaram, na minha opinião, por se anular um pouco e perder aqui o norte, e as vezes esquecem-se que eles são os adultos da família e que eles são os modelos e uns modelos muito importantes, muito poderosos. É a eles que cabe a gestão da família, mostrar e partilhar e viver os valores, estabelecer regras e limites e consequências. No fundo são os comandantes que guiam o barco, e que permitem levar a bom porto.

Esta dualidade que eu acho que os pais hoje vivem, que é a questão da vida familiar e da vida profissional, é um bocadinho esta ideia de que, quando estão num lado estão a roubar ao outro e, portanto, esta angústia e esta dificuldade em perceber que, se eu sou uma profissional que também se sou mãe, desenvolvo uma série de competências, e que isso é um ganho para as empresas e para a sociedade. E o inverso também.

4. O que considera estar na origem das mudanças a que assistimos hoje na família?

Acho que é uma consequência natural da evolução e do desenvolvimento da sociedade, do estilo de vida, das descobertas, etc. Acho que não faz sentido estar a lamentar "a vida há vinte anos" ou "a vida há trinta anos", é o que é e, portanto, a questão e o desafio que eu acho que há hoje para as famílias é como e que nos vivemos hoje. Acho que viver hoje tem imensas coisas boas, a questão é não perdermos o norte e o rumo para onde queremos ir, mantendo-nos alinhados com os nossos princípios e com os nossos valores.

5. De que forma devem ser abordadas as mudanças familiares no contexto escolar?

Eu sonho, desde que sou gente, com uma escola de sonho. Sonho com uma escola onde todas as famílias são aceites, verdadeiramente aceites. E isto significa que o eu escola, mais do que impor à família aquilo que acha certo ou errado, mais do que, obviamente, ter os seus princípios, os seus valores, as suas regras, mas que, nisto tudo, esteja genuinamente uma mente aberta para acolher as famílias que chegam e as

crianças que chegam, desprovidas de juízos de valor. E acreditar genuinamente que, cada pai e cada mãe, está a fazer aquilo que pode. Porque cada pessoa chegou até ao presente como consequência de um caminho que percorreu, das vivencias que teve, umas mais positivas outras mais negativas, e acredito que todo o pai e toda a mãe quer o melhor para o seu filho, ainda que, ás vezes, o possa fazer de uma forma que tem impactos negativos. Eu gostava de uma escola que acolhesse isso.

No meu contexto profissional, recebo os pais, que vem super inseguros, porque alguém na escola diz que eles não estão a fazer bem. Porque a mentalidade é que "agora todos têm que tirar a fralda ao mesmo tempo", "agora todos têm que ter sono ao mesmo tempo", e isto não é verdade, isto não é real, as pessoas são todas diferentes. Acho que, se formos capazes de parar, e olhar individualmente para cada criança e para cada família, era tudo tão melhor. Nós somos únicos, as famílias são únicas, porque é que nos queremos normalizar? Porque dá menos trabalho? Porque é mais fácil? Porque temos todos de encaixar na mesma caixa? Não faz sentido. Se eu pensar até na evolução da sociedade, ainda menos sentido faz. Porque aquilo que uns e outros são estimulados, cada vez é menos controlado. Se eu pensar, há vinte e trinta anos atrás, as coisas eram mais estandardizadas. Agora, não é assim. O mundo é global e, portanto, a "Joana" pode ter acesso a uma coisa, a "Maria" a outra, é mais diverso, as coisas eram mais limitadas antigamente.

6. Quais serão, na sua opinião, as consequências das mudanças familiares atuais?

Uma que me inquieta bastante é, de facto, esta atenção multifocal dos miúdos e dos jovens. Estar em todo o lado e não nos focarmos parece que, a cabeça e a mente, não estão presentes. Por exemplo, eu agora estou aqui, estou a dar-lhe atenção e sinto que isso, com tanta estimulação, nos miúdos não acontece. Estão aqui, e estão em muitos sítios. O que, por outro lado, é ótimo, porque somos globais, eu posso comunicar e estar a trocar coisas com alguém que trabalha na mesma área, no outro ponto do globo. Há que ir discernindo o que pode ser bom e o que pode ser mau. Esta é uma questão que a mim me inquieta bastante, o fato de vivermos sempre acelerados e, portanto, esta questão de não sabermos parar. Vejo muito isto no meu contexto profissional e muito também em minha casa com os meus filhos.

7. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios das instituições escolares face às questões familiares?

É a diversidade. Se as famílias fossem todas iguais, era tudo muito mais fácil. Podemos até pensar que antigamente o número de famílias de divórcio era baixo, e que agora tenho famílias que é só o pai ou a mãe e os filhos, que podem estar juntos, que podem estar separados, podem ter novas famílias, podem ter irmãos, meios irmãos, etc. Os maiores desafios para as instituições, e pensando nas famílias de agora, acho que é mesmo o lidar com tanta diversidade.

O que sinto é que, do ponto de vista das instituições escolares, continuam a querer estandardizar e a por tudo nas mesmas caixas, e as coisas vão ser cada vez mais diferentes. E eu, como mãe, lembro-me que uma vez tinha os meus filhos num dilema brutal, porque era altura de fazer a prenda de Natal, e ninguém na escola se lembrou que eles tinham duas casas. E, portanto, eles pensavam, "agora tenho um presente e tenho duas famílias o que é que eu faço?" uma criança pequenina, de 1º ciclo, ou menos ainda, estava numa angustia brutal.

É preciso que a instituição escolar começa a pensar um bocadinho "fora da caixa", atendendo à diversidade familiar ou então vai haver aqui um choque. Acho que é urgente a escola aceitar esta diversidade da sociedade e das famílias, e pensar como é que pode olhar individualmente para elas. Isto dá muito trabalho e exige muita flexibilidade, muitas energias e tempo.

8. Quais são os novos desafios que as questões familiares levantam na sua prática profissional?

Muito a ajuda aos pais, no sentido de aprenderem a gerir-se sozinhos. Pode ser porque estão divorciados, viúvos, etc. Há hoje muitos expatriados, é uma realidade atual, temos, sobretudo muitas mães, muito tempo sozinhas. Há ainda algumas situações de pais que adotaram filhos e, portanto, agora de repente são pais e não sabem bem como fazer as coisas.

As questões da escola surgem muito a nível da gestão dos trabalhos de casa e muito a questão de que a professora, ou educadora, pede ajuda para castigar ou fazer alguma coisa de um comportamento que aconteceu na escola. E a nossa visão de coach, em relação a esta questão, é muito "se eu estou na escola e se eu sou educadora, a mim me cabe gerir aquela situação e, portanto, eu é que sou o adulto, dentro da sala de aula, tal como os pais são em casa, eu professora é que estabeleço as regras aqui e tenho que ser consequente naquilo que digo e que faço". É tal e qual como em casa. Às vezes, em tom de brincadeira, perguntamos como é que a professora se sentiria se a mãe lhe fosse dizer "olhe pode-me ajudar a castiga-lo por ele ontem não ter comi-

do a sopa?". É um bocadinho ajudar os pais a pensar que papel é que querem ter na educação dos seus filhos, onde é que se querem posicionar, o que é que querem dizer, como é que querem dizer, como é que eles se veem a ser complementares da escola mas não substitutos da escola.

Tem acontecido também, uma questão bastante interessante, que surgiu muito a partir do lançamento do nosso livro, em 2010. O livro chama-se "Family Coaching - 36 Desafios para Pais Extraordinários" e uma coisa que começou a acontecer, foram profissionais, que trabalham com famílias, começarem a vir ter connosco a dizer que, aquilo que nós dizemos no livro, é engraçado para eles trabalharem com as famílias. E então tivemos técnicos de serviço social, professores, educadores de infância, mediadores, psicólogos, médicos de família, psiquiatras, etc. a virem-nos pedir ajuda. Neste momento, estamos numa fase de dar formação a estes profissionais, que trabalham, no seu dia a dia, com as famílias. Nós não certificamos ninguém como coach, não temos essa competência, mas partilhamos com eles estratégias, metodologias e abordagens de coach que os ajudam a ter uma relação mais próxima e mais positiva com as famílias com que trabalham.

9. Que preocupações as mães/pais lhe trazem?

Os pais e as mães procuram-nos muito acerca de questões sobre a gestão do tempo, e isto pode traduzir-se em questões como: como e que eu tenho mais tempo? como é que eu faço para ter tempo para tudo? etc. Muito aquela ilusão de como é que se gere a vida familiar e a vida profissional, muito isto. Esta abordagem do coach trabalha muito com os pais, no sentido de quanto mais tempo é que eles querem, e para quê, as vezes as pessoas nem têm consciência para quê que querem o tempo, é só "quero mais tempo, mais tempo, mais tempo…" e não têm muita noção.

Trabalhamos muito a questão da disciplina e limites, centrada nos pais. Temos um workshop que se chama "disciplina e limites – alternativas aos gritos e birras dos pais" e é um bocadinho esta ideia de que, os pais, têm limites e é importante identificarem os limites para os poderem expressar e fazer cumprir. A questão de que, os pais e as mães fazem birras, e quando estão a fazer birras o que estão a mostrar aos filhos é que "esta é uma forma de eu ter aquilo que eu quero".

Estas são duas questões que nos são muito pedidas. Mas às vezes trabalhamos também a questão da comunicação com os adolescentes.

ANEXO 12 – ANÁLISE DE CONTEÚDO

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

Categorias de Codificação	Subcategorias	Unidades de Registo
Papel da família no desenvolvimento da criança	Socializador	• Anexo 7, linha 5 "Tem o papel socializador, é quem dá toda a segurança para o ser humano se desenvolver, é quem dá afeto, ou pelo menos devia dar, e deve ser a partir da família que a criança se desenvolve."
	Transmissor	• Anexo 11, linha 5 "Acho que é no dia a dia que a família passa os valores, que a criança vai fazendo todas as aprendizagens." • Anexo 6, linha 4 "A família é a base de transmissão de valores, princípios e regras, é o grupo que insere as crianças na cultura e na sociedade." • Anexo 10, linha 4 "A família é a base da pessoa em si, da sua educação e a responsável pela transmissão de valores."
	Estabilizador / Orientador	• Anexo 11, linha 7 "Acho sempre que a família é um contexto protegido para a criança ensaiar o que depois tem de enfrentar e confrontar lá fora no mundo real, no sentido dos outros que não conhece, das regras, da escola, da creche, do jardim de infância, por aí fora." • Anexo 9, linha 11 "Acho que a família tem um papel estabilizador, orientador de desenvolvimento de milhares de capacidades."

Papel da família na sociedade	Inserção	• Anexo 9, linha 22 "Quando vamos com uma base familiar muito boa e muito estável, automaticamente sabemos instalar-nos na sociedade e sabemos como é que nos comportamos em sociedade." • Anexo 6, linha 12 "(...) é o meio que insere a criança na sociedade e num grupo específico." • Anexo 6, linha 13 "Cada grupo, cada família, assenta em diferentes valores e regras que sustentam toda a sociedade." • Anexo 7, linha 14 "É a partir da família que a criança se insere e se adapta ao mundo social."
	Núcleo e base da sociedade	• Anexo 6, linha 15 "Sendo a família a base da criança é, automaticamente, a base da sociedade. É, através destes pequenos grupos, que a sociedade se desenvolve." • Anexo 7, linha 15 "Se as famílias estão destruturadas, a sociedade também está destruturada. No fundo as famílias são pequenas sociedades que, se não se formarem bem, também não vão formar uma sociedade "boa". • Anexo 10, linha 12 "A família é o núcleo da sociedade. Se reparar, desde os tempos imemoriais que a sociedade é constituída por famílias." •Anexo 8, linha 10 "A influência exercida pela família determina o estilo de uma sociedade."
	Diversidade	• Anexo 11, linha 21 "É desta originalidade e desta diversidade de famílias que depois as famílias dão o contributo variado e original para que tenhamos uma sociedade diversificada."

Papel dos pais	Papel educador da mãe	• Anexo 9, linha 194 "Acho, e achei sempre, que uma mãe deve ter um papel educador no dia a dia, deve ter um papel protetor e deve dar liberdade, mas também ter a responsabilidade de os incentivar a serem autónomos para brincarem."
	Evolução do papel do pai	• Anexo 9, linha 204 "Acho que o pai tem um papel muito parecido, hoje em dia, com o da mãe." • Anexo 10, linha 98 "O pai hoje em dia é muito diferente do que era, mas o pai acho que é muito, a certa altura, uma referência e um modelo de vida até uma certa altura, e a seguir, é apenas um aconselhador e mais tarde ainda, um companheiro."
Desafios familiares atuais	Viver no séc. XXI e na sociedade atual	• Anexo 11, linha 29 "Acho que a parte boa de vivermos hoje, no séc XXI, é de termos imenso acesso à informação. Por outro lado, isso muitas vezes, faz com que as famílias se sintam pouco autoconfiantes e que, de repente, já não saibam se estão a tomar decisões certas ou erradas." • Anexo 11, linha 36 "Acho que a questão incontornável de vivermos de facto no séc. XXI e haver imensas solicitações e estimulações faz um bocadinho com que, os pais e as mães, andem sempre a mil e, consequentemente, os filhos porque vivem nesse contexto acelerado." • Anexo 9, linha 54 "A sociedade interfere bastante na família, os miúdos estão inseridos nela e, portanto, vão também adquirindo novas capacidades, que trazem para casa e que nós pais, temos que saber gerir e orientar."

	Gestão do tempo	• Anexo 11, linha 39 "Acho que a gestão do tempo é mais um desafio. Esta pressão, ou esta ilusão de que, de repente, temos que conseguir fazer tudo, com igual qualidade e ao mesmo tempo." • Anexo 9, linha 47 "(...) os horários totais e absurdos, automaticamente complicam toda a gestão familiar que já referi anteriormente."
	Vida profissional	• Anexo 11, linha 50 "Esta dualidade que eu acho que os pais hoje vivem, que é a questão da vida familiar e da vida profissional, é um bocadinho esta ideia de que, quando estão num lado estão a roubar ao outro e, portanto, esta angústia e esta dificuldade em perceber que, se sou uma profissional que também sou mãe, desenvolvo uma série de competências, e que isso é um ganho para as empresas e para a sociedade." • Anexo 9, linha 85 "É complicado, eu acho que, quando um pai e uma mãe trabalham muito, tem que haver toda uma organização."
Considerações dos entrevistados sobre as mudanças familiares	Considerações acerca da origem das mudanças	• Anexo 6, linha 37 "No pouco tempo que têm as pessoas estão cansadas e aproveitam apenas para mimar os filhos, esquecendo-se que mimar não significa dar tudo, nem fazer tudo o que as crianças querem, pondo de parte a educação necessária." • Anexo 11, linha 59 "Acho que é uma consequência natural da evolução da sociedade, do estilo de vida, das descobertas, etc." • Anexo 6, linha 44 "Acho principalmente que todas as mudanças surgem pela evolução da sociedade, uma evolução normal, uma evolução dos tempos. Uma evolução pouco expectável." • Anexo 6, linha 46 "Antigamente as mães não trabalhavam, hoje praticamente todos os pais trabalham, e bastante." • Anexo 6, linha 49 "Cada vez se trabalha mais, cada vez se tem menos tempo para tudo e menos paciência também. Tudo isto se influencia mutuamente."

		• Anexo 8, linha 28 "Muitas das mudanças que assistimos no conceito de família têm origem nas exigências/pressões que a sociedade hoje em dia exerce sobre os pais."
	Considerações sobre possíveis consequências	• Anexo 10, linha 62 "Num dia destes temos um envelhecimento da europa, e hoje em dia já o sentimos claramente." • Anexo 6, linha 90 "Cada um tem a sua maneira de estar e isso vai ser cada vez mais difícil, em todos os contextos sociais, de gerir." • Anexo 7, linha 58 "Cada um vai para o seu lado, pais muito egoístas e estes exemplos vão ser cada vez mais, e mais regulares." • Anexo 7, linha 59 "As tradições familiares também vão acabar por se perder, os pais têm outras obrigações e exigências e já não há muito a instituição dos avós, os próprios avós trabalham muito, e as tradições familiares acabam por não serem passadas às crianças, deixa de haver uma linha condutora." • Anexo 8, linha 46 "As consequências das mudanças familiares atuais é produzirem seres com deficiências na sua educação, e depois a escola tem que juntar também esse papel de educação, para além do papel de ensino."
Desafios da prática educativa	Desafios específicos das instituições	• Anexo 6, linha 98 "Cada vez os contextos familiares e educações são mais heterogéneos e a escola vai ter de aprender a saber gerir essas situações." • Anexo 11, linha 123 "É preciso que a instituição escolar comece a pensar um bocadinho "fora da caixa", atendendo à diversidade familiar ou então vai haver aqui um choque." • Anexo 7, linha 80 "É preciso ver a realidade, assimila-la e tentar integrar estas crianças o melhor possível. Manter os valores da instituição e integrá-los também nesta evolução." • Anexo 7, linha 19 "Está tudo em constante mudança, é preciso, cada vez mais, ter atenção a tudo. A cada família, a forma como lidar com as mesmas, a forma de trabalhar os temas. Tudo isto exige muito das instituições e por isso da educação uma prática reflexiva muito grande e intensa."

	Desafios específicos dos profissionais de educação	• Anexo 6, linha 22 "O fato de existirem diversos tipos de famílias desafia bastante toda a sociedade e a prática do educador" • Anexo 6, linha 85 "O contexto de cada criança vir ser cada vez mais diferente entre o grupo. Há, cada vez mais, uma dispersão do estilo familiar adotado por cada um." • Anexo 8, linha 63 "A principal dificuldade é fazer ver aos pais que o papel de educar começa em casa e a escola não deve substituir a função da família." • Anexo 8, linha 99 "O professor deve fazer ver à família, que a sua participação é necessária para o sucesso escolar dos seus filhos."
Considerações dos entrevistados sobre a prática educativa	Considerações acerca da prática das instituições	• Anexo 9, linha 105 "A escola tem que acompanhar bastante a evolução da família nos tempos, a escola deve ser elástica para se estender aos trabalhos de casa, e ter uma mais valia qualquer em relação ao que a sociedade desenvolveu, de forma a poder acompanhar os miúdos para além do tempo escolar." • Anexo 9, linha 177 "A escola é o primeiro grupo exterior à família, e o seu foco deve ser o civismo que é comum a todos." • Anexo 6, linha 61 "Por um lado, acho que a escola tem de encarar muito o papel de mediador, tentar chamar os pais a atenção do que pensa ser importante e relevante para o bem--estar da criança." • Anexo 6, linha 63 ". A escola tem hoje o papel de regulador de todas estas mudanças a que assistimos. Cada pai organiza--se muito em torno de si próprio, ou da sua família, decide tudo em volta de si mesmo e da sua vida e escola, pode e deve regular muito este comportamento, mostrando as mesmas questões num leque mais alargado, nomeadamente a sociedade."

	Considerações acerca da prática das instituições (cont.)	• Anexo 6, linha 71 "Na minha opinião, as instituições devem esforçar-se por dar informações sobre os mais variados temas e não ter receio de "tocar" em certos e determinados assuntos acerca do estilo de vida." • Anexo 6, linha 77 "No fundo, penso que a escola deve intervir nestas questões, mas sem intervir de mais, é preciso ter muito cuidado com isso. Não podemos tentar ensinar os pais como devem ou não agir, mas podemos sim, ajudar." • Anexo 7, linha 44 "Não se trata de restringir a nossa prática apenas à "normalidade familiar a que estamos habituados", mas arranjar estruturas para a criança se sentir bem." • Anexo 11, linha 71 "E isto significa que o eu escola, mais do que impor à família aquilo que acha certo ou errado, mais do que, obviamente, ter os seus princípios, os seus valores, as suas regras, mas que, nisto tudo, esteja genuinamente uma mente aberta para acolher as famílias que chegam e as crianças que chegam, desprovidas de juízos de valor." • Anexo 9, linha 184 "A escola deve ter em atenção a base que cada criança tem da família." • Anexo 8, linha 36 "A escola deve ter como objetivo principal a transmissão conhecimento e não de educar, dar limites ou moralidade."

	Considerações acerca da prática dos profissionais de educação	• Anexo 6, linha 84 "Acho que vai ser cada vez mais difícil para o educador este fato de não haver um fio condutor comum entre cada criança." • Anexo 6, linha 147 "É preciso um sistema de constante reflexão. Mais estratégias, mais reflexão sobre os temas." • Anexo 8, linha 56 "O professor tem que entender como estas mudanças afetam a escola e modificam o seu papel na sala de aula."
Relação pais/ profissionais de educação	Verdade	• Anexo 7, linha 140 "A verdade no sentido de nós transmitirmos tudo o que está aqui, porque na verdade as famílias confiam-nos a melhor coisa que têm." • Anexo 7, linha 142 "Dizer exatamente aquilo que é mau, aquilo que é bom, termos sensibilidade na transmissão de certos assuntos, mais frágeis, que nos custam transmitir e que, aos pais, custa a ouvir, mas que têm de ser transmitidos para bem da criança." • Anexo 6, linha 172 "É necessário mediar aquilo que é relevante ou não, mas no fundo ser o mais verdadeiro possível quanto à nossa própria prática e postura."
	Abertura	• Anexo 6, linha 171 "É preciso sempre muita abertura para poder falar e abordar todas as questões acerca da criança." • Anexo 10, linha 125 "Deve ser uma relação próxima, deve haver um modelo de abertura da escola e dos educadores para receberem os pais quando necessário, independentemente do horário."

	A criança no centro da relação	• Anexo 6, linha 175 "Não deixar dispersar o foco desta relação, valorizando a criança. Ou seja, tentar sempre que as conversas formais ou informais, valorizem as crianças, sempre." • Anexo 8, linha 97 "A relação professor/família não deve enveredar por um caminho de culpabilização e deverá enveredar por um caminho de responsabilização compartilhada."
	Comunicação	• Anexo 9, linha 239 "Deve haver um trabalho de conjunto, se não houver um trabalho de conjunto é muito difícil haver sucesso. Tem que haver uma colaboração constante, uma ponte de comunicação."
Coaching parental	Questões mais abordadas	• Anexo 11, linha 133 "Muito a ajuda aos pais, no sentido de aprenderem a gerir-se sozinhos. Pode ser porque estão divorciados, viúvos, etc. Há hoje muitos expatriados, é uma realidade atual, temos, sobretudo muitas mães, muito tempo sozinhas. Há ainda algumas situações de pais que adotaram filhos e, portanto, agora de repente são pais e não sabem bem como fazer as coisas." • Anexo 11, linha 138 "As questões da escola surgem muito a nível da gestão dos trabalhos de casa e muito a questão de que a professora, ou educadora, pede ajuda para castigar ou fazer alguma coisa de um comportamento que aconteceu na escola." • Anexo 11, linha 168 "Os pais e as mães procuram-nos muito acerca de questões sobre a gestão do tempo, e isto pode traduzir-se em questões como: como e que eu tenho mais tempo? como é que eu faço para ter tempo para tudo? etc." • Anexo 11, linha 174 "Trabalhamos muito a questão da disciplina e limites, centrada nos pais. Temos um workshop que se chama "disciplina e limites – alternativas aos gritos e birras dos pais" e é um bocadinho esta ideia de que, os pais, têm limites e é importante identificarem os limites para os poderem expressar e fazer cumprir."